

UNIVERSIDADE SANTA CECÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SUSTENTABILIDADE DE
ECOSSISTEMAS COSTEIROS E MARINHOS

JAQUELINE CABRAL ALVES

ÑANDE REKÓ: UM DIÁLOGO ENTRE O CONHECIMENTO TRADICIONAL E O
USO DE RECURSOS NATURAIS PELOS GUARANI-MBYÁ, NA RESERVA
INDÍGENA RIBEIRÃO SILVEIRA EM BERTIOGA - SP

SANTOS/SP

2018

JAQUELINE CABRAL ALVES

**ÑANDE REKÓ: UM DIÁLOGO ENTRE O CONHECIMENTO TRADICIONAL E O
USO DE RECURSOS NATURAIS PELOS GUARANI-MBYÁ, NA RESERVA
INDÍGENA RIBEIRÃO SILVEIRA EM BERTIOGA – SP**

Dissertação apresentada à Universidade Santa Cecília como parte dos requisitos para obtenção de título de mestre no Programa de Pós-graduação em Sustentabilidade de Ecossistemas Costeiros e Marinhos, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Milena Ramires.

SANTOS/SP

2018

Autorizo a reprodução parcial ou total deste trabalho, por qualquer que seja o processo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos.

142.483 Cabral, Jaqueline Alves.

ÑANDE REKÓ: Um diálogo entre o conhecimento tradicional e o uso de recursos naturais pelos Guarani Mbyá, na Reserva Indígena Ribeirão Silveira em Bertioga - SP / Jaqueline Cabral Alves.

-- 2018.

93f.

Orientador: Profª Dra. Milena Ramires.

Dissertação (Mestrado)-- Universidade Santa Cecília, Programa de Pós-Graduação em Sustentabilidade em Ecossistemas Costeiros e Marinhos, Santos, SP, 2018.

1. Ecologia Humana. 2. Etnoecologia. 3. Indígenas. 4. Biodiversidade. 5. Conhecimento tradicional. I. Ramires, Milena, orient. II. ÑANDE REKÓ: Um diálogo entre o conhecimento tradicional e o uso de recursos naturais pelos índios Guarani Mbyá, na Reserva Indígena Ribeirão Silveira em Bertioga - SP.

Elaborada pelo SIBi – Sistema Integrado de Bibliotecas - Unisanta

*Dedico este trabalho ao futuro da humanidade;
que possamos resgatar saberes tradicionais em
prol do futuro do planeta, pensando no ser
humano como parte integrante dessa grande
casa. “ÑANDE REKÓ”.*

AGRADECIMENTOS

À comunidade Ribeirão Silveira, pelos ensinamentos e experiências vividas em como me tornar um ser humano melhor para o planeta.

À CAPES e Universidade Santa Cecília (UNISANTA), pelo programa de aperfeiçoamento e oportunidade.

À orientadora Prof^a. Dr^a Milena Ramires, por acreditar em mim desde a conversa inicial e aceitar o desafio.

Aos professores do programa PPG ECOMAR, por todos os ensinamentos, reforçando o orgulho que tenho da profissão que escolhi.

À grande incentivadora Prof^a Dr^a Priscila Ferrer Caraponale (USP/PUC), pelo apoio e motivação desde a iniciação científica, por acreditar no progresso da minha trajetória acadêmica.

Ao colega Márcio Alvim (FUNAI), por todo o suporte oferecido.

Às secretárias do mestrado, Sandra Helena de Aparecida Araújo e Imaculada Scorza, pela cortesia, dedicação e carinho com os alunos.

Aos meus pais, agradeço primeiramente ao dom da vida e ao lar repleto de carinho; vocês que sempre me ensinaram que nada é impossível quando se tem vontade, e que, mesmo com as dificuldades, é preciso superar os desafios da vida. Além disso, que mesmo que o mundo esteja contra, acredite!

Ao meu avô... que mesmo sem estudo, se contentava com cada conquista minha como se fosse dele próprio; que perguntava sempre como estavam os estudos, dizendo que se orgulhava muito da neta que tinha... Meu guerreiro; com você aprendi que devemos lutar até o fim... É Vô, consegui!

Ao meu marido Welington, meu melhor amigo e parceiro dessa e de outras vidas; meu incentivador, meu refúgio e maior crítico; obrigada pela paciência, por compreender os momentos de ausência e por estar sempre ao meu lado em todos os momentos.

Ao filho que quero ter... que já sonho e amo mesmo antes de nascer... que você compreenda que na vida não há mérito sem esforço; que a vida possui muitos obstáculos, mas que somos capazes de superar.

*“A natureza é o único livro que oferece um conteúdo valioso em todas as suas folhas”.
(Goethe)*

RESUMO

Dados e informações advindas da Etnoecologia podem fornecer bases para a compreensão das interrelações entre humanos e ambiente. Além da propagação cultural dentre gerações, muitos saberes, conhecimentos e fazeres aprimoram-se em uma mesma gênese, por meio de interações cotidianas com a natureza. O presente estudo buscou investigar, o uso de recursos naturais e o conhecimento tradicional da comunidade indígena Guarani-Mbyá, por meio de entrevistas semiestruturadas com moradores de ambos os gêneros e maiores de idade da Aldeia Ribeirão Silveira. Foram entrevistados 326 adultos, o que corresponde a 59,2% da população adulta da aldeia. As principais produtivas são o comércio de artesanatos (98,8%) seguido do comércio de palmito e suas mudas (96%). A caça foi citada por 91,4% dos entrevistados como uma atividade presente no cotidiano da cultura Guarani Mbyá. Entre os recursos de caça preferidos estão o tatu (*Dasypodidae*), a capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*), a paca (*Cuniculus paca*) e aves diversas. A pesca, apontada por 96,3% dos entrevistados, é uma atividade essencial no modo de vida guarani, atualmente é realizada, por meio do uso de anzol e linha, como influência do não-indígena. Entre os recursos de pesca preferidos estão o bagre (*Rhamdia spp.*), traíra (*Hoplias spp.*), lambari preto (*Astyanax spp.*) e cará (*Geophagus spp.*). Os principais recursos obtidos da mata, são as sementes de lágrima de nossa senhora (*Coix lacryma-jobi L.*) (98,9%), penas de aves (98,9%) e palmito pupunha (*Bactris gasipaes Kunth*) (97,5%). Para a categoria alimentar, os recursos mais utilizados são peixes (94,9%), seguido de raízes e tubérculos, em especial a mandioca, com 95,3% e batata doce, com 91,4%. Algumas práticas tradicionais Guarani Mbyá sofreram alterações, como a pesca com a utilização de veneno (*timbó*), apontada por 96,3%, e o consumo de mel em virtude da diminuição da presença de abelhas nativas (68,3%). A influência do não-indígena “*juruá*” também gerou alterações no modo de vida Guarani Mbyá. Segundo os entrevistados (69,5%), muitas palavras e até mesmo o próprio dialeto está caindo em desuso, a compra de alimentos industrializados e tradições como a caça e o ritual da confecção de arco e flecha estão sendo cada vez menos perpetuados entre as gerações mais novas. Verificar as interações ecológicas da Comunidade Guarani Mbyá com o ambiente, permite estudos e pesquisas acerca da conservação da biodiversidade, por meio do manejo e extração sustentável dos recursos naturais.

Palavras-chave: Ecologia Humana. Etnoecologia. Indígenas. Biodiversidade. Conhecimento tradicional.

ABSTRACT

Data and information from Ethnoecology can provide a basis for understanding the interrelationships between humans and the environment. In addition to the cultural propagation of generations, many knowledges, knowledge and practices are improved in the same genesis, through daily interactions with nature. The present study sought to investigate the use of natural resources and the traditional knowledge of the Guarani-Mbyá indigenous community, through semi-structured interviews with residents of both genders and adults of Ribeirão Silveira Village. 326 adults were interviewed, corresponding to 59.2% of the adult population in the village. The main production is the trade of handicrafts (98.8%) followed by the trade of palm heart and its seedlings (96%). The hunting was cited by 91.4% of the interviewees as an activity present in the daily life of the Guarani Mbyá culture. Among the preferred hunting resources are the armadillo (*Dasypodidae*), capybara (*Hydrochoerus hydrochaeris*), paca (*Cuniculus paca*) and various birds. Fishing, indicated by 96.3% of the interviewees, is an essential activity in the Guarani way of life, currently it is carried out, by means of the hook and line, as an influence of the non-indigenous. Among the favorite fishing resources are the catfish (*Rhamdia* spp.), traíra (*Hoplias* spp.), black lambari (*Astyanax* spp.) and cara (*Geophagus* spp.). The main resources obtained from the forest are the tear seeds of our lady (*Coix lacryma-jobi* L.) (98.9%), bird feathers (98.9%) and peach palm (*Bactris gasipaes* Kunth) (97, 5%). For the food category, the most used resources are fish (94.9%), followed by roots and tubers, especially cassava (95.3%) and sweet potato (91.4%). Some traditional Guarani Mbyá practices have undergone alterations, such as fishing with the use of poison (*timbó*), indicated by 96.3%, and honey consumption due to the reduction of the presence of native bees (68.3%). The influence of the non-indigenous "*juruá*" also generated changes in the Guarani Mbyá way of life. According to the interviewees (69.5%), many words and even the dialect itself is falling into disuse, the purchase of industrialized foods and traditions such as hunting and the ritual of making archery are becoming less and less perpetuated between the generations. To verify the ecological interactions of the Guarani Mbyá Community with the environment, allows studies and research on the conservation of biodiversity, through the management and sustainable extraction of natural resources.

Keywords: Human Ecology. Ethnoecology. Indians. Biodiversity. Traditional knowledge.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Mapa com localização e destaque das Terras Indígenas Guarani na América do Sul ressaltando as áreas habitadas atualmente e antigas áreas utilizadas.....	05
Figura 02: Mapa com localização das Terras Indígenas Ribeirão Silveira, SP (Território Nacional e estado de São Paulo em destaque), com imagem de satélite da demarcação das terras indígenas Ribeirão Silveira, SP (limite em destaque).....	06
Figura 03: Destaque da sobreposição entre a Unidade de Conservação de Proteção Integral e a Terra Indígena Ribeirão Silveira.....	07
Figura 04: Organização hierárquica da Aldeia Indígena Ribeirão Silveira.....	11
Figura 05: Mapa da Terra Indígena Ribeirão Silveira com sua divisão nuclear.....	09
Figura 06: Registros da observação participante realizada durante o ingresso na Terra Indígena Ribeirão Silveira (Bertioga / SP).....	12
Figura 07: Entrevistados por gênero entre os núcleos da Aldeia Ribeirão Silveira.....	14
Figura 08: Distribuição dos entrevistados por classes etárias.....	15
Figura 09: Distribuição etária dos entrevistados conforme os núcleos populacionais da Aldeia Indígena Ribeirão Silveira.....	16
Figura 10: Dados demográficos da Reserva Indígena Ribeirão Silveira.....	19
Figura 11: Principais atividades desenvolvidas pelos entrevistados na Aldeia Ribeirão Silveira, Bertioga (SP).....	20
Figura 12: Artesanatos confeccionados pelos indígenas Guarani Mbyá. (a) artesanatos expostos à venda, (b) moradores expondo os produtos nos quintais e ao longo da estrada de acesso à reserva indígena.....	22
Figura 13: Viveiro de mudas da Aldeia Indígena Ribeirão Silveira para fins de reflorestamento e comercialização (Bertioga/SP).....	24
Figura 14: Calendário Guarani Mbyá – A vida em ciclos.....	26

Figura 15: Detalhe do preparo da área de roça, organizada em iniciativa própria pela comunidade Guarani Mbyá da Aldeia Indígena Ribeirão Silveira.....	28
Figura 16: Pari exposto no teto da casa de reza (opy), e demais artefatos Guarani Mbyá, apresentados por uma das lideranças religiosas da Aldeia Indígena Ribeirão Silveira.....	31
Figura 17: Criação de galinhas no entorno das residências, prática comum entre os entrevistados da Aldeia Indígena Ribeirão Silveira.....	34
Figura 18: Destaque de tanque destinado à piscicultura, atualmente desativado por falta de manutenção.....	35
Figura 19: Usos dos recursos naturais citados pelos entrevistados Guarani Mbyá e classificados conforme categoria de uso.....	38
Figura 20: Erva mate utilizada durante rituais na casa de reza (opy).....	38
Figura 21: Palmito pupunha cultivado pelos indígenas Guarani Mbyá na Aldeia Indígena Ribeirão Silveira, em espaço destinado à coleta e manejo.....	40
Figura 22: Proibições de uso dos recursos naturais, apontadas pelos indígenas Guarani Mbyá entrevistados na Reserva Indígena Ribeirão Silveira	41
Figura 23: Conhecimento do entorno, com o recurso de elemento chave, indicado pelo cacique Guarani Mbyá da Aldeia Indígena Ribeirão Silveira.....	43
Figura 24: Entrevista com uma das cinco lideranças religiosas presentes na Aldeia Ribeirão Silveira (Bertioga/SP).....	44
Figura 25: Influência do não-indígena no modo de vida Guarani, segundo os entrevistados da pesquisa na Aldeia Indígena Ribeirão Silveira, classificados por faixa etária.....	47

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Grau de escolaridade dos entrevistados da Aldeia Ribeirão Silveira, SP.....	17
Tabela 2 – Frequência de composição familiar dos entrevistados por núcleo.....	18
Tabela 3 – Calendário agrícola guarani	27
Tabela 4 – Uso de recursos naturais, na Aldeia Ribeirão Silveira, Bertioga (SP), por ordem decrescente de porcentagem de citações.....	36

LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

FSMA – Fundação SOS Mata Atlântica

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

ISA – Instituto Socioambiental

ONG – Organização não governamental

PNGATI – Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas

SESAI – Secretaria especial de saúde indígena

SIASI – Sistema de informação da atenção à saúde indígena

TI – Terra indígena

GLOSSÁRIO

Ä – alma.

Aguyje – estado de perfeição do ser.

Ara Pyau – Tempos Novos/ primavera – verão.

Ara Yma – Tempos Antigos/ outono – inverno.

Aróka - bebida feita da polpa pilada de coquinho.

Avati mimõi – milho verde cozido

Avaxi eté - milho sagrado, verdadeiro.

Guarani Mbyá – pessoa, gente; parcialidade ou rama Guarani; que tem os cabelos cacheados

Jaxy – Lua.

Jejy Cee – Palmito doce.

Jejy Roba – Palmito amargo.

Jerojy – cantar.

Juruá – homem e mulher não indígena.

Ka`aguy – floresta.

Kaguidy – bebida fermentada feita com milho

Karaí – liderança do grupo que pode ser também religiosa, política ou ambas. Nome próprio masculino, nome Mbyá

Kavre – porco.

Kriguie – nome próprio feminino

Kryingüé – criança, crianças pequenas.

Kuaráí – Nome próprio masculino. Divindade Mbyá-Guarani, o Sol.

Kuéry – Unidade de uma estrutura social. A palavra *kuéry* estabelece o plural, referindo-se a uma totalidade, a um conjunto de pessoas.

Kumandambyá – feijão miudinho.

Kunhã – mulher.

Kunhã Karaí – mulher xamã, mulher orientadora espiritual

Mbo'e – ensinar, transmitir sabedoria.

Mborayu – reciprocidade, bondade, generosidade, “espírito que nos une”.

Mbytá – pão ou bolo tradicional assado nas cinzas.

Mirim – nome próprio feminino.

Mitã'in – crianças pequenas.

Mityryru – faixa de pano para carregar crianças de colo.

Ñande karudjo – boa tarde.

Ñandereko (ñande reko) – modo de ser Guaraní Mbyá.

Ñdja ydjo, javy ju – bom dia.

Ñe'e – porção sagrada da alma Guaraní Mbyá.

Nhanderú – principal divindade Guaraní Mbyá.

Nhanhembo'e – aprender, ouvir as belas palavras.

Nhanhoty Jeju – Fortaleza do palmito Jussara.

Nhembo 'e' a Porã – Lugar bonito; nome da escola municipal indígena.

Nimongaraí - ritual de nomeação das crianças Guaraní Mbyá.

Oguatá – caminhar, andar, deslocar-se. Termo que designa viagens, caminhar ou caminhadas. Em um sentido mais amplo é utilizado como uma metáfora para a própria vida.

Opy - Casa de Reza

Pa`muña – pegajoso; pamonha.

Pari – Armadilha de pesca.

Peguao – folhas de caeté.

Petynguá – cachimbo de madeira ou cerâmica.

Pindó – palmeira de grande predileção para os mbyá na dieta, na escolha de moradia, na produção de bens materiais e na elaboração do pensamento do grupo.

Pira - Peixe

Porahei – Belas palavras; conselhos.

Poraró - prática tradicional associada à partilha de alimentos e à circulação de bens pelas redes de parentesco indígenas. Entretanto nos novos contextos urbanos este termo é utilizado como alternativa econômica que visa incrementar a renda familiar, mais particularmente, atender as necessidades específicas das mulheres e das crianças.

Rorá – prato parecido com polenta, só que bem mais seco semelhante a uma farofa.

Takuá - instrumento ritual feito de taquara e também nomeia a cana verde.

Takuapí - forma genérica de nomear a taquara ou a cana verde, matéria prima para confecção da cestaria.

Tape Porã – caminho bonito.

Tapédjá – Povo peregrino e viajante.

Tatu'i – tatu.

Tekoá – Aldeia.

Tembetá – Pedacinho de taquara enfiado no lábio por ocasião da passagem do menino para a fase adulta.

Tetỹ makuaa – adorno corporal, utilizado nas pernas.

Tucan' Ju Mirim – pássaro amarelo pequeno.

Tucan' - Pássaro Tucano.

Txeru Ba`E – Deus Celestial da Sabedoria; Escola Estadual.

Txeru Mirim Ba`E – Pequeno Deus celestial da sabedoria.

Uru – galinha.

Xamã – Líder religioso mais experiente.

Xara'u – Sonho.

Xejari – Avó.

Xeramo'i – pajé; liderança religiosa

Xi'y – Quati.

Xipá – bolinho típico feito com massa de mandioca; adaptado com farinha de trigo e água.

Yambá – aparelho feito de taquara para ensinar a criança a andar.

Yvy - Terra

Yvy Marãey – Terra sem Males.

Yvytu Vaekue – ventania.

Yxo – larvas criadas no caule da pindó;

Yxo pytã – larva vermelha;

Yxo xiĩ - larva branca.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	01
2. METODOLOGIA.....	05
2.1 ÁREA DE ESTUDO.....	05
2.2 MATERIAL E MÉTODOS.....	11
2.3 ANÁLISE DE DADOS.....	13
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	14
3.1 PERFIL DOS ENTREVISTADOS DA ALDEIA INDÍGENA RIBEIRÃO SILVEIRA.....	14
3.2 DINÂMICA DE OBTENÇÃO DE RECURSOS NA COMUNIDADE INDÍGENA RIBEIRÃO SILVEIRA.....	20
3.2.1 O ARTESANATO GUARANI MBYÁ NA ALDEIA INDÍGENA RIBEIRÃO SILVEIRA.....	21
3.2.2 O VIVEIRO DE MUDAS DESENVOLVIDO PELOS INDÍGENA GUARANI MBYÁ NA ALDEIA INDÍGENA RIBEIRÃO SILVEIRA.....	23
3.2.3 A AGRICULTURA GUARANI MBYÁ NA ALDEIA INDÍGENA RIBEIRÃO SILVEIRA.....	25
3.2.4 A CAÇA GUARANI MBYÁ NA ALDEIA INDÍGENA RIBEIRÃO SILVEIRA.....	29
3.2.5 A PESCA GUARANI MBYÁ NA ALDEIA INDÍGENA RIBEIRÃO SILVEIRA.....	30
3.2.6 A COLETA GUARANI MBYÁ NA ALDEIA INDÍGENA RIBEIRÃO SILVEIRA.....	32
3.2.7 A CRIAÇÃO DE ANIMAIS GUARANI MBYÁ NA ALDEIA INDÍGENA RIBEIRÃO SILVEIRA.....	33
3.3 RECURSOS NATURAIS UTILIZADOS E CATEGORIAS DE USO.....	35
3.4 REGRAS DE UTILIZAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS NA COMUNIDADE.....	39

3.5 CONHECIMENTO DAS PAISAGENS E TRANSMISSÃO ORAL...	42
3.6 PERCEPÇÕES SOBRE MUDANÇAS NO AMBIENTE.....	45
4. CONCLUSÃO.....	48
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
VERSÃO COMPACTA.....	53
REFERÊNCIAS.....	58
ANEXOS.....	68

1. INTRODUÇÃO

Compreender que as populações humanas estão intrinsicamente relacionadas ao ecossistema é de incomensurável importância no que tange à conservação. Logo, essa concepção revela informações importantes sobre o uso de recursos naturais por comunidades tradicionais e a manutenção da biodiversidade (BEGOSSI, 2013).

As comunidades tradicionais, além de conviverem com a biodiversidade, atribuem nomes e classificações próprias das espécies. Dessa forma, a cultura permite às populações, compreender a biodiversidade, manipular, representar, extrair e enriquece-la frequentemente (DIEGUES & ARRUDA, 2001).

A utilização e manipulação de elementos da natureza são realizadas pela humanidade em distintas comunidades tradicionais. Ecossistemas foram transformados, plantas e animais foram realocados por interferência humana e recursos diversos foram e continuam sendo extraídos e consumidos para subsistência. Distintos grupos humanos, assim como os indígenas, dispõem um vasto etnoconhecimento, preservando assim, a diversidade biológica, bem como, seu patrimônio cultural (TOLEDO & BARRERA-BASSOLS, 2010; ANDERSON, 2011).

A Ecologia Humana caracteriza-se pela interpretação dos sistemas humanos, culturais e naturais. Originada em 1910 na Escola de Chicago, no campo das ciências humanas, suas discussões revelaram aspectos relevantes dos sistemas ecológicos em relação ao planeta, relacionando conceitos da ecologia com distintas áreas do conhecimento, como a filosofia, a sociologia, a antropologia, entre outras. Entretanto, outras concepções consideram a vertente de estudo não como uma ramificação da ecologia, e sim, como um campo de conhecimento transcendente. Do mesmo modo, é possível encontrar afirmações onde a Ecologia Humana alcança objetivos e metodologias específicos, compreendendo o comportamento humano sob variáveis ambientais, visando o estudo do desenvolvimento humano, seu aperfeiçoamento e a melhoria da qualidade de vida. Deste diálogo do sociocultural com o ambiente, é possível estabelecer uma conexão entre a construção do conhecimento a respeito das interações entre comunidades, suas culturas e seus ecossistemas. Afirmação esta, que corrobora sua consideração não como uma disciplina, ou uma ciência, e sim, como um nível de pensamento; um estudo trans-científico. (OLIVIER, 1979;

MACHADO, 1981; STEINER & NAUSER, 1993; BEGOSSI, 1993; LAWRENCE, 2001; CESÁRIO, 2004; MARQUES, 2012; DYBALL, 2010).

A compreensão de conhecimento tradicional sobre o ambiente e seus recursos refere-se a um conjunto construtivo de conhecimentos, práticas e crenças, abarcando adaptações e eternizado entre gerações por meio de capital cultural, em relação aos seres vivos com o meio ambiente, integrando na categoria de seres vivos os seres humanos (BERKES, et al., 2000).

Partindo desse pressuposto, enfoques provenientes da Etnoecologia, são capazes de prover dados no intuito de compreender as interações entre seres humanos e o ambiente que o cerca, revelando a importância do envolvimento de comunidades tradicionais em ações de preservação da biodiversidade. A Etnoecologia, conceito citado por Harold Conklin na década de 50, discute o estudo dos conhecimentos, atitudes, ferramentas e diálogos entre as sociedades e seu ambiente, permitindo sua produção e reprodução cultural (TOLEDO, 1992), com os saberes tradicionais e locais incluindo diferentes aspectos, elementos e funções naturais, de fungos a paisagens, de ciclos climáticos a recuperação ambiental. Segundo Marques (2001) a etnoecologia é pode ser considerada um campo de pesquisa transdisciplinar que estuda os pensamentos (conhecimentos e crenças), sentimentos e comportamentos que intermediam as interações entre as populações humanas e os ecossistemas.

Comunidades indígenas também possuem um conjunto de informações etnoecológicas, processo este que é ativo, abrangendo pesquisas, experimentações, observações e práticas empíricas. Além do capital cultural perpetuado entre gerações, muitos hábitos e vivências adquirem aprimoramento em uma mesma geração, por meio de interações dialógicas cotidianas (CARVALHO, 2011).

Etnias provindas da região amazônica, como os indígenas Waimiri-Atroari, Ka'apor e Baniwa (BALÉE, 1999; ABRAÃO et al., 2008) demonstram vasto conhecimento acerca da conservação da biodiversidade e de recursos nativos (ISA, 2011), como também, as etnias Krahô e Xavante, as quais habitam a região centroeste (POSEY, 1987), a etnia Xucuru no nordeste brasileiro (SILVA & ANDRADE, 2002), e nas regiões sul e sudeste do Brasil, os povos indígenas Kaingang, Xokleng (MACHADO, 2016), Guarani Ñandeva - tronco Tupi e Guarani M'bya (KRIEGEL et al., 2014).

Atualmente, a etnia Guaraní é categorizada dentro do território brasileiro em três grandes vertentes: Mbyá, Nhandeva e Kaiowá, das quais as peculiaridades são evidentes não somente no dialeto, bem como, costumes, práticas, rituais e na organização territorial. Entre os grupos Guaraní, a vertente Mbyá é atualmente predominante no litoral brasileiro. Dotados de uma dinâmica singular de organização e utilização de seu espaço territorial, os Guaraní Mbyá caracterizam-se por um constante deslocamento, tanto por indivíduos, como por famílias entre as várias aldeias situadas no Paraguai, Argentina, Uruguai e regiões sul e sudeste do Brasil (LADEIRA, 2001),

Para essas populações indígenas, as atividades produtivas sempre foram basicamente para subsistência, embora atualmente estejam voltando o uso de alguns recursos para o comércio. Assim, apresentam forte dependência em relação à natureza e aos recursos naturais renováveis, os quais são os mantenedores de seu modo particular de vida. No entanto, culturalmente, a natureza representa para os indígenas muito mais do que um meio de subsistência e comércio, representa o suporte da vida social e está diretamente ligada aos sistemas de crenças e conhecimentos, além de uma relação histórica (SOUZA et al., 2015).

Sociedades indígenas possuem um conhecimento do mundo natural integrado às práticas e crenças, e baseado em observações em escala geográfica restrita (GADGIL et al., 1993) e para muitas sociedades, sobretudo as indígenas, existe uma interligação entre o mundo natural, o mundo sobrenatural e a organização social (DESCOLA, 1997).

Para o povo Guaraní Mbyá, há uma relação forte com o lugar onde se vive. Nesse sentido, reconhecem que *Nhanderú* é o verdadeiro dono da terra, permitindo o uso dos recursos ao seu redor. Mas é preciso pedir licença cada vez que for usar, respeitando os ciclos naturais, e utilizando somente o necessário, para manter o equilíbrio da mata. Estar no mundo é uma determinação organizada por *Nhanderú*, deus do povo Guaraní Mbyá. Cada ser ao ser enviado à Terra, seja animal ou vegetal, deve respeitar as estruturas da terra e cuidar das relações do mundo, vivendo em condição de estar momentaneamente, conservando o ambiente para os futuros moradores (LADEIRA, 2008).

Essa compreensão ética, os Guaraní Mbyá denominam como *teko*. Além de um estado ou condição de ser, o conceito *teko* abrange todos os princípios éticos e morais que definem o modo de vida Guaraní e as relações com o ambiente. Conceito esse,

que faz parte do *Nhandereko*, traduzido como “modo de vida”, compreendendo normas de convivência, modos de produção, consumo e uso dos espaços (MORAES, 2000).

Resgatar e valorizar os saberes tradicionais indígenas contribui com a ciência moderna na compreensão das formas utilizadas para manejar os recursos naturais disponíveis em seu ambiente, como sementes, solo, vegetação, entre outros (KRIEGEL et al., 2014). Por fim, justificando os objetivos da pesquisa e outros elementos necessários para apresentar o tema do trabalho, esta pesquisa tem como objetivo analisar o uso de recursos naturais e o conhecimento tradicional da comunidade indígena Guarani Mbyá da Aldeia Ribeirão Silveira (Bertioga/SP), tendo como objetivos específicos, realizar a caracterização das práticas e atividades produtivas exploradoras de recursos naturais da comunidade indígena Guarani Mbyá, Identificar as espécies exploradas, bem como, as finalidades de uso e o manejo realizados e identificar o conhecimento tradicional associado as principais espécies utilizadas.

2. METODOLOGIA

2.1 Área de estudo

Durante o início do século XX, Schaden (1962), revela em seus estudos a presença de aldeias Guarani provenientes do leste do Paraguai e nordeste da Argentina, onde teriam atravessado os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná e ao litoral de São Paulo, povoando ao longo da costa brasileira, conforme Figura 01.

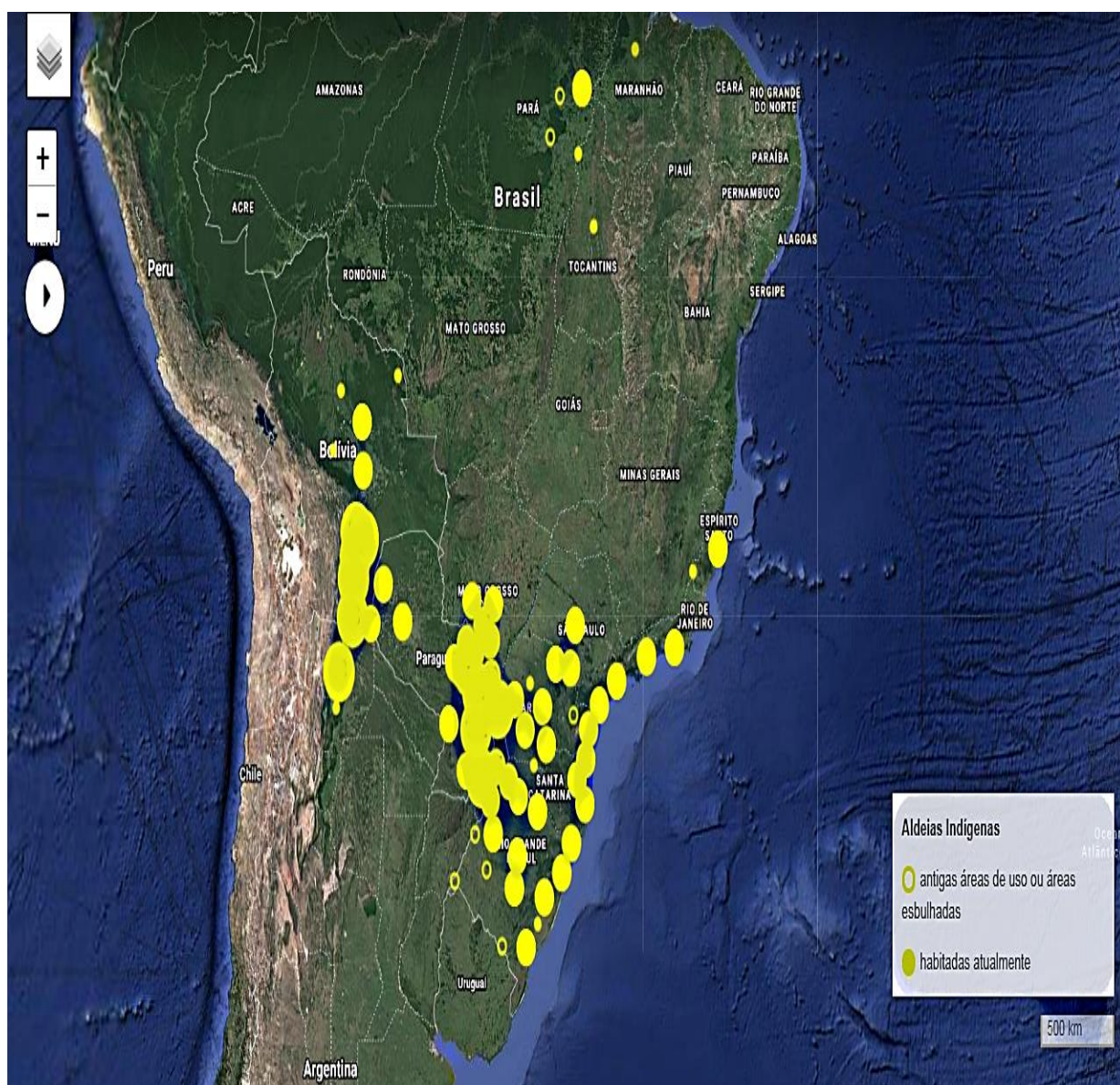


Figura 01: Mapa com localização e destaque das Terras Indígenas Guarani na América do Sul ressaltando as áreas habitadas atualmente e antigas áreas utilizadas.

Fonte: Adaptado de Mapa Guarani Digital - data da imagem: 06/05/2018.

A Aldeia Indígena Ribeirão Silveira está localizada entre os municípios de Bertioga, São Sebastião e Salesópolis. A região demarcada possui uma área de 8.500 hectares revisada e declarada pela Portaria nº 867 de 24 de agosto de 2000 (DOU, 2003), conforme Figura 02.

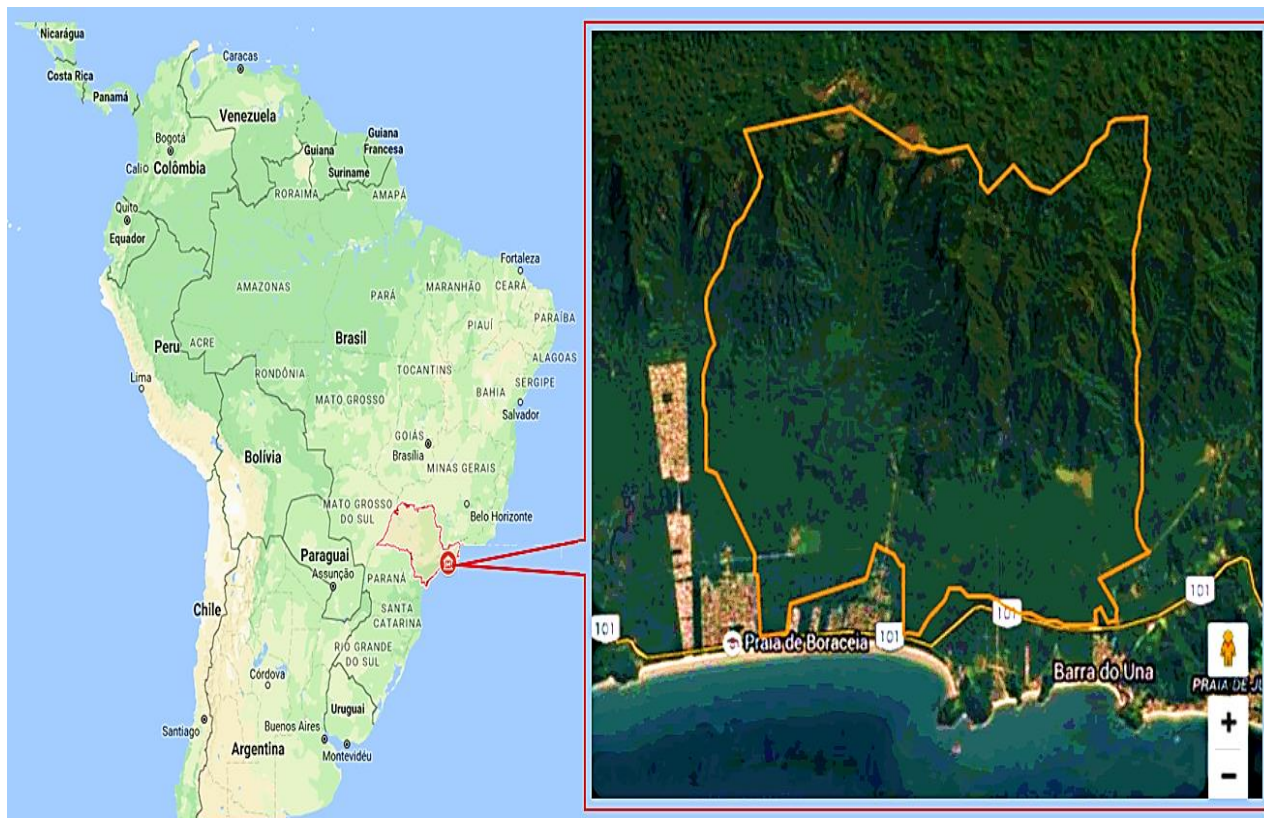


Figura 02: Mapa com localização das Terras Indígenas Ribeirão Silveira, SP (Território Nacional e estado de São Paulo em destaque), com imagem de satélite da demarcação das Aldeia Indígena Ribeirão Silveira, SP (limite em destaque).

Fonte: Adaptado de Google Maps® - data da imagem: 01/10/2017.

A terra indígena, anteriormente homologada pelo presidente, sob o decreto nº 94.568, de 8 de julho de 1987, foi declarada por meio da Portaria nº 1236/MJ, de 30 de junho de 2008, tendo sua demarcação física concluída em 2011, pela Coordenação Geral de Geoprocessamento da FUNAI. A Coordenação Geral de Assuntos Fundiários, juntamente com a Diretoria de Proteção Territorial, então iniciou os procedimentos visando a expedição do decreto de homologação pelo Presidente da República contudo, segundo informações constantes no Processo SEI 08620.050812/2012-52, encontra-se em vigor uma decisão judicial liminar que impede

a expedição do decreto presidencial de homologação da demarcação administrativa da Terra Indígena Ribeirão Silveira (FUNAI, 2018).

A área de estudo está situada entre os rios Ribeirão do Espigão Comprido ou Areia e Ribeirão Pouso Alto, com limites naturais à Oeste e Leste, como o Parque Estadual da Restinga. Ao Norte, sobrepõe parte do Parque Estadual da Serra do Mar e ao Sul, seus limites encerram-se em áreas de planície litorânea (Figura 03). A aldeia Ribeirão Silveira possui representatividade histórica para o povo Guarani. A área é reconhecida como antiga região de transição e habitação ancestral Guarani que estão em Ribeirão Silveira (ISA, 2016).



Figura 03: Destaque da sobreposição entre a Unidade de Conservação de Proteção Integral e a Terra Indígena Ribeirão Silveira.

Fonte: Adaptado de Mapa Guarani Digital - data da imagem: 06/05/2018.

A Aldeia Indígena Ribeirão Silveira possui uma organização social, territorial e hierárquica. Definida pela figura do cacique, a terra indígena é dividida em cinco núcleos populacionais, tendo em cada um deles uma liderança indígena, no caso, os pajés como membros representantes (Figura 04).

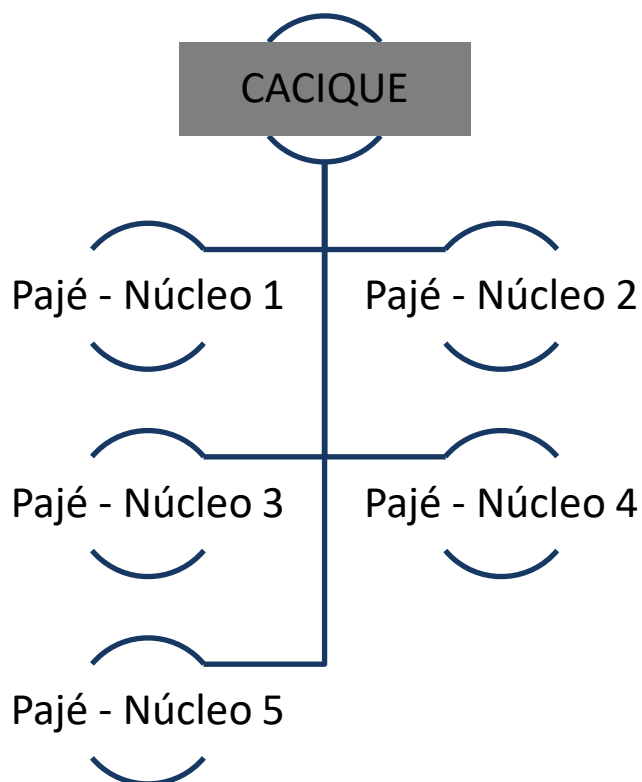


Figura 04: Organização hierárquica da Aldeia Indígena Ribeirão Silveira.

Os moradores devem se reportar ao seu respectivo pajé para assuntos referentes ao núcleo onde residem, no caso, os núcleos Cachoeira, Rio Pequeno, Ribeirão Silveira, Centro e Porteira (Figura 5).

De acordo com o setor de coordenação de delimitação e identificação territorial da FUNAI (2018), trata-se de uma única aldeia indígena, com uma organização própria feita pelos indígenas, a qual denominam por autodeclaração, onde os indígenas da comunidade Ribeirão Silveira se autodeclaram divididos dessa maneira hierárquica. Segundo Bonamigo (2008), é comum na cultura Guarani Mbyá que, as decisões tomadas pela comunidade tenham o aval do pajé oficial que, em sua função religiosa, engloba hierarquicamente a função política, zelando pela boa convivência da comunidade.

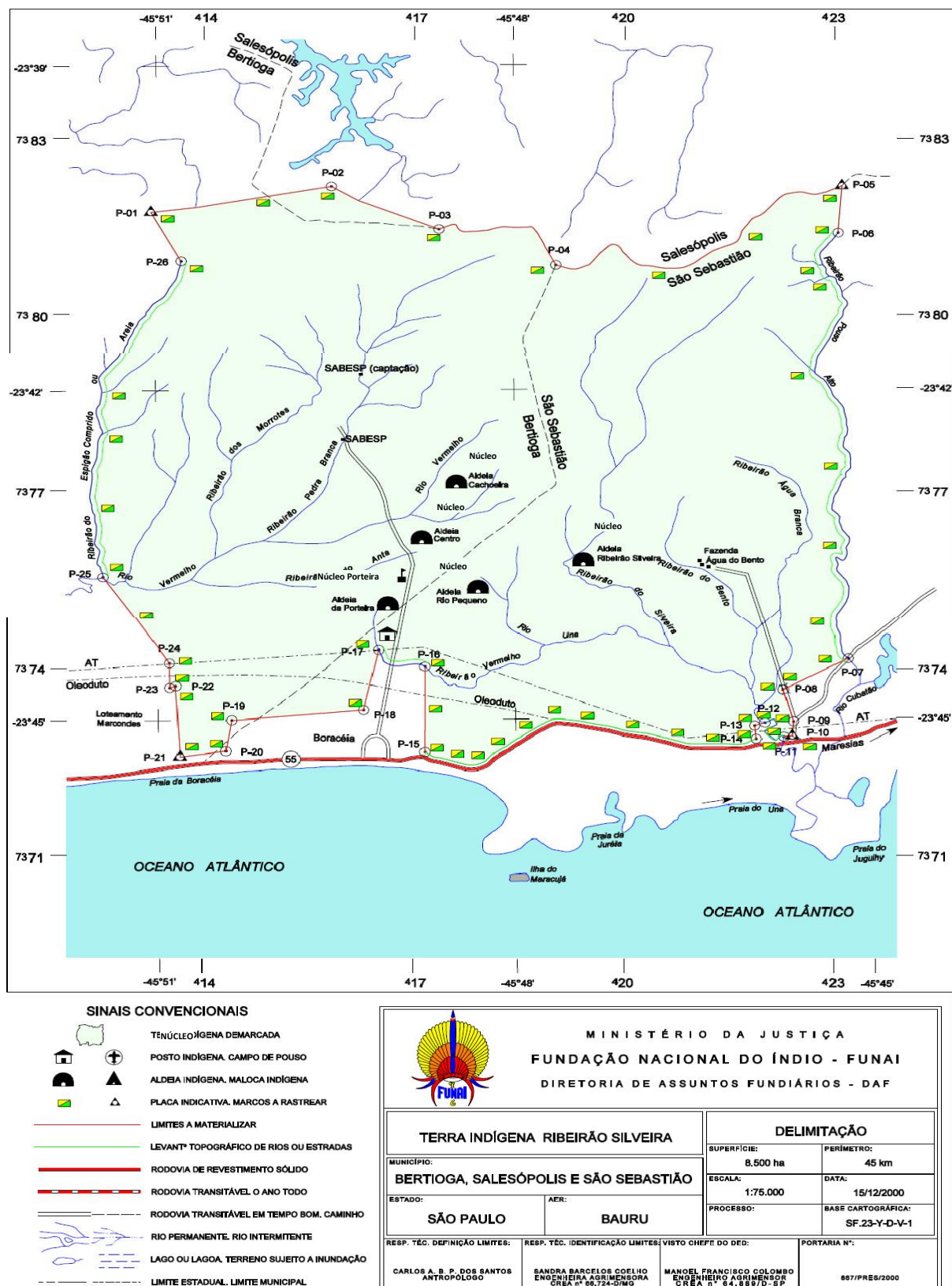


Figura 05: Mapa da Terra Indígena Ribeirão Silveira com sua divisão nuclear.

Fonte: Adaptado de Diário Oficial da União, nº3, 2003.

A aldeia Ribeirão Silveira é composta por cinco núcleos populacionais indígenas da etnia Guarani Mbyá. Denominada como *tekohá*, expressão que significa um conjunto de aldeias unidas por laços de parentesco e reciprocidade, a região possui uma perspectiva sócio regional que ultrapassa seus limites territoriais. Desta forma, um *tekohá* faz parte de uma organização geográfica que abrange outras aldeias Guarani Mbyá, onde cada uma delas é responsável pela organização social e política da comunidade. As residências estão distribuídas pela área da reserva, formando núcleos com oito ou nove habitações. Cada núcleo corresponde a um grupo familiar extenso, cujas famílias nucleares ocupam as casas da região sob seu domínio (FUNAI, 2013).

O entorno das terras de demarcação indígena sofre grandes ameaças, em virtude da expansão imobiliária, projetos urbanos e turísticos ao longo da costa. Iniciativas de grande porte, como oleodutos da Petrobrás, estão instalados na região. A área em destaque compreende segmentos de três formações geomorfológicas: Baixadas Litorâneas, Serrarias Costeiras e Planalto Atlântico, onde nas duas primeiras, o clima apresenta-se sempre úmido. Dentre a composição vegetal, encontra-se a Floresta Ombrófila Densa de Terras Baixas, presente desde o entorno na face Sul até o sopé das Serras, bem como floresta alta de restinga, brejos de restinga, floresta paludosa e ainda floresta de transição planície encosta. Já a mata de encosta é predominante em toda a região da Serra do Mar, como também, nos morros isolados da planície litorânea, no caso, Morro dos Bichos, Morro da Fábrica, Morro da Boa Vista (ISA, 2016).

Tais composições florestais se estendem até os limites de sua face norte, podendo em alguns trechos apresentar exemplares característicos de matas de altitude, de áreas de topo de morros e de transição encosta-planalto, em especial, nas áreas limites com o Município de Salesópolis (ISA, 2016).

Cosmologias indígenas representam arquétipos complexos mais integrados dos quais faz parte a sociedade humana. Os costumes são veículo de informação sobre a concepção do universo, incluindo pontos sobre a criação do mundo, a origem da agricultura, as relações ecológicas entre animais, plantas e outros ambientes, a metamorfose de seres humanos em animais e vice-versa e de ambos em espíritos diversos, concepções e relações socioculturais importantes e até mesmo o surgimento do não-indígena são os fatores que constituem a cosmologia (RAMOS, 1998).

Os mitos de origem, construção e fim do mundo da sociedade Guarani são fundamentais para a compreensão de algumas regras que definem os conceitos dessa população sobre o “mundo” (terra). Para os Guarani Mbyá, o plano terrestre é composto pela dimensão do seu território tradicional e pelos *tekoa* (aldeias), fragmentos da terra, que através da distribuição ordenada no mapa “original”, representam os suportes e estruturas desse mundo (LADEIRA, 1992).

No plano simbólico, consideram que, em alguns lugares do litoral, se originou a construção do mundo Mbyá pelo “criador”. Esses lugares procurados, ainda hoje pelos Mbyá, apresentam, através dos elementos da flora e da fauna típicos da Mata Atlântica, formações rochosas e mesmo ruínas de edificações antigas, indícios que confirmam essa tradição. Formar aldeias nesses lugares “eleitos” significa estar mais perto do mundo celestial, porque para eles, é a partir desses locais que se tem acesso a “*Yvy Marãey*”, a “Terra Sem Males”. Uma terra Mbyá inclui a floresta (*Ka`aguy*) e todo o ecossistema a ela referido como como a extração dos recursos vegetais, minerais e animais (SILVA, 2014).

Nos lugares “eleitos”, constroem, também, a casa sagrada (*opy*) onde praticam suas cerimônias e rituais religiosos e são capazes de ouvir os ensinamentos e instruções transmitidas pelos espíritos dos seus antepassados. Além da função religiosa a *opy* tem função social, quando toda a problemática do dia é discutida nas reuniões diárias, afim de promover a harmonia social e espiritual do grupo, avivando diariamente o modo de ser Guarani (LADEIRA, 2008).

2.2 Material e métodos

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com moradores de ambos os gêneros e maiores de idade da Aldeia Ribeirão Silveira, com o auxílio de roteiros pré estabelecidos (anexo 1). Para a definição dos entrevistados, foi aplicada a técnica do “Bola de Neve”, onde um entrevistado culturalmente competente recomenda outro de competência similar, repetindo-se o processo a partir dos novos incluídos, até que os novos indicados sejam pessoas já entrevistadas (BIERNACKI & WALDORF, 1981).

A execução dessas ações, foi realizada durante um período de dezoito meses, em distintas épocas do ano, com a devida autorização da liderança indígena principal

(Cacique). Essa autorização contém o nome de uma pessoa indicada que foi o guia para as demais aproximações com os próximos entrevistados.

Por fim, para complementar o levantamento obtido com as entrevistas e melhor compreender a dinâmica da comunidade, realizou-se a observação participante durante todo o trabalho, permitindo a familiarização com os costumes e modo de vida da etnia estudada (MALINOWSKI, 1978), onde pudemos acompanhar o processo de extração do palmito pupunha, a comercialização de artesanatos, e a rotina de trabalho no viveiro de mudas (Figura 06), bem como o registro em diário de campo para informações adicionais (ALBUQUERQUE & LUCENA, 2004).

As entrevistas com as lideranças indígenas (pajés) foram abertas, sem a utilização de roteiro com o intuito de complementar as informações mais descritivas das atividades da etnia estudada.



Figura 06: Registros da observação participante realizada durante o ingresso na Terra Indígena Ribeirão Silveira (Bertioga / SP).

Fonte: Acervo pessoal.

Concomitantemente, utilizou-se a técnica da turnê-guiada para identificação e registro dos recursos e atividades por meio fotográfico, na qual um entrevistado-chave serviu como guia durante a entrevista, fornecendo informações específicas sobre o modo de vida e extração dos recursos naturais (ALBUQUERQUE & LUCENA, 2004).

O presente trabalho contou com consentimento das lideranças indígenas locais, como também, aprovação pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP sob o número 2.517.772 (Anexo 3), e parecer de mérito emitido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq e autorização de acesso indígena pela Fundação Nacional do Índio – FUNAI (Anexo 2).

2.3 Análise de dados

Os dados obtidos foram analisados qualitativa e quantitativamente por meio da técnica do consenso do entrevistado, baseada na categorização das respostas e frequência de citação (ALBUQUERQUE, 2004), com o objetivo de representar o consenso entre os entrevistados (SILVA, 2010), afim de delinear um quadro descritivo do contexto da comunidade estudada (COZER, 2010).

Para a identificação de recursos naturais, elaborou-se uma tabela de recursos utilizados e conhecidos, organizada por nome popular (etnoespécie), nome científico e frequência de citação. O estudo levantou bibliografia sobre etnobotânica, por meio de artigos a respeito de comunidades indígenas da costa da Mata Atlântica, resultados de pesquisas dos autores: Castro, Gonçalves, Moreira e Faria (2011); Martins, Rossi, Sampaio e Magenta (2008). Posteriormente, os nomes científicos das espécies mais citadas foram correlacionados aos nomes populares. Os nomes científicos foram validados por consulta aos bancos de dados Flora do Brasil 2020 (2017) e The Plant List (2013). Os nomes das famílias seguiram o Angiosperm Phylogeny Group (APG, 2016).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Perfil dos entrevistados da Aldeia Indígena Ribeirão Silveira

O total de entrevistados entre os cinco núcleos foi de 326 adultos, o que corresponde a 59,2% da população de adultos da aldeia, que é de aproximadamente 550 habitantes, a partir dos 18 anos de idade (SIASI/SESAI, 2016).

Dentre a faixa etária mais jovem, a Aldeia Indígena Ribeirão Silveira possui aproximadamente 137 jovens na faixa de zero a 17 anos, correspondendo a 25% a mais do total desta população adulta, apresentando hoje uma taxa de mortalidade de zero por cento e um crescimento vegetativo da ordem de 6,5% (PNGATI, 2016).

No núcleo Cachoeira foram entrevistados 50 adultos, sendo 12 do sexo feminino (24%) e 38 do sexo masculino (76%). No núcleo Rio Pequeno foram entrevistados 62 adultos, sendo 20 do sexo feminino (32,2%) e 42 do sexo masculino (67,7%). No núcleo Porteira foram entrevistados 55 adultos, sendo 14 do sexo feminino (25,4%) e 41 do sexo masculino (74,5%). No núcleo Ribeirão Silveira foram entrevistados 76 adultos, sendo 25 do sexo feminino (32,8%) e 51 do sexo masculino (67,1%). E no núcleo Centro, foram entrevistados 83 adultos, sendo 31 do sexo feminino (37,3%) e 52 do sexo masculino (62,6%), conforme Figura 07.

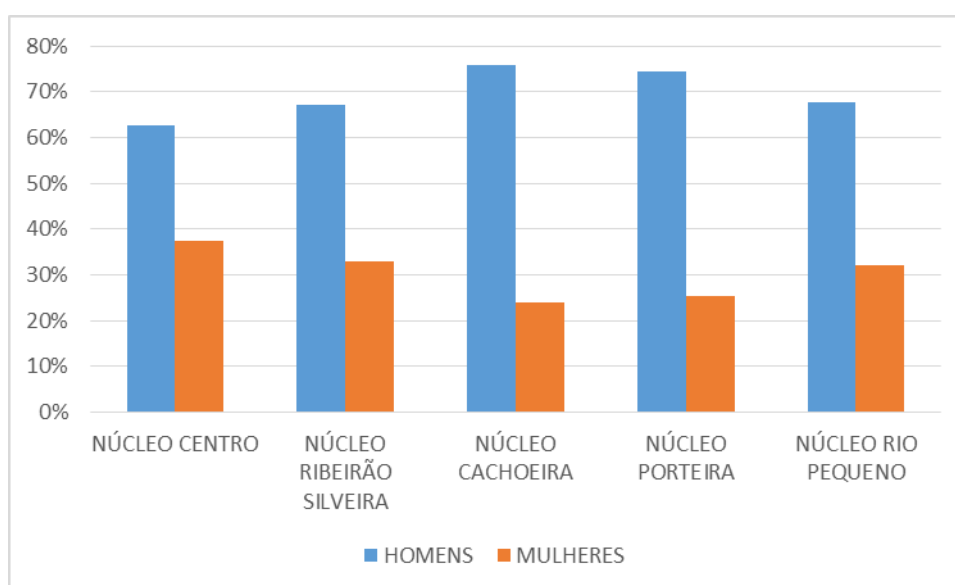


Figura 07: Entrevistados por gênero entre os núcleos da Aldeia Ribeirão Silveira.

O alto índice de homens adultos em aldeias Guarani Mbyá já foi apontada em estudos anteriores nas Aldeias *Koenju* (RS) e *Tamandua* (Argentina), onde (COSSIO, 2015) aponta um maior percentual de homens nas duas comunidades entrevistadas.

A média de tempo de residência na comunidade é de 35 anos. Porém, é constante a dinâmica migratória pelos habitantes entre outras aldeias Guarani Mbyá, em virtude das dinâmicas social, econômica e política. Denomina-se como mobilidade o movimento de migração entre as aldeias, englobando relações como casamentos, visitas a parentes, troca de sementes e mudas, e aquisição de conhecimentos. De acordo com (LADEIRA, 2008), o subgrupo Mbyá, é o único dentre a etnia Guarani que ainda perpetua tal processo de mobilidade. Os Mbyá se definem como *tapédjá*, o povo de peregrinos e viajantes, pelas migrações frequentes.

Quanto às classes etárias dos adultos, as mais frequentes são de 18 a 35 anos, equivalendo a 40,9% dos entrevistados. Os adultos, entre 36 e 60 anos, correspondem por 31,1% do total de entrevistados e os entrevistados mais idosos, com mais de 60 anos, e correspondem a 27,8% da amostra (Figura 08).

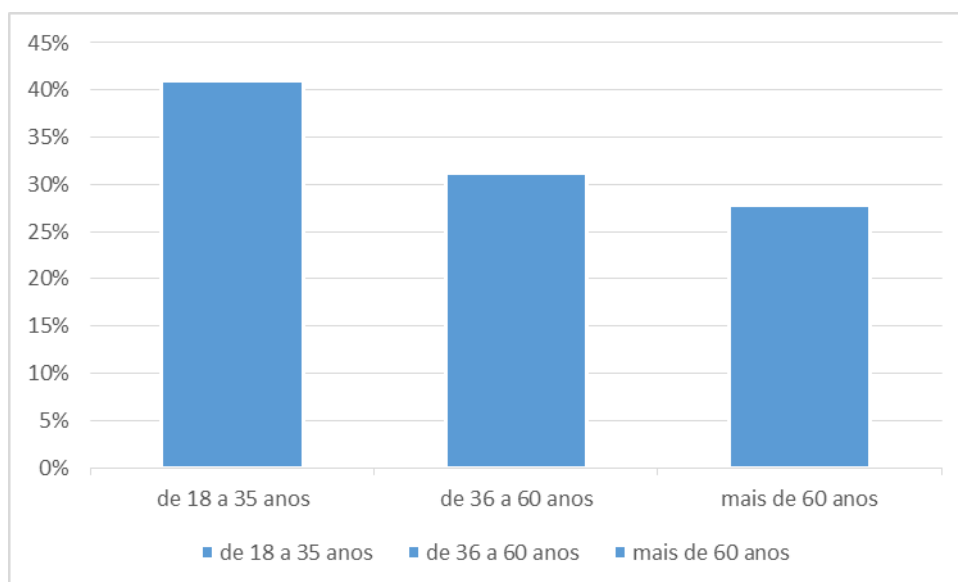


Figura 08: Distribuição dos entrevistados por classes etárias.

No núcleo Cachoeira, dentre os entrevistados, predominam os participantes mais idosos, com mais de 60 anos, correspondendo a 50%. Os adultos, entre 36 e 60 anos, correspondem por 24% do total de entrevistados e os mais jovens, entre 18 e 35 anos, e correspondem a 26% da amostra.

No núcleo Rio Pequeno, predominam também os participantes mais idosos, com mais de 60 anos, correspondendo a 43,5%. Os adultos, entre 36 e 60 anos, correspondem por 27,4% do total e os mais jovens, entre 18 e 35 anos, e correspondem a 29,4% da amostra.

No núcleo Porteira, predominaram entrevistados mais jovens, entre 18 e 35 anos, correspondendo a 49%. Os adultos, entre 36 e 60 anos, correspondem por 32,7% do total de entrevistados e os entrevistados mais idosos, com mais de 60 anos, correspondendo a 18,2%.

No núcleo Ribeirão Silveira, predominam da mesma forma participantes mais jovens, entre 18 e 35 anos, e correspondem a 50%. Os adultos, entre 36 e 60 anos, correspondem por 36,8% do total de entrevistados e os entrevistados mais idosos, com mais de 60 anos, correspondendo a 13,1%.

E, no núcleo Centro, predominam igualmente os participantes mais jovens, entre 18 e 35 anos, e correspondem a 50,6%. Os adultos, entre 36 e 60 anos, correspondem por 34,9% do total de entrevistados e os entrevistados mais idosos, com mais de 60 anos, correspondendo a 14,4% do total de entrevistados (Figura 09).

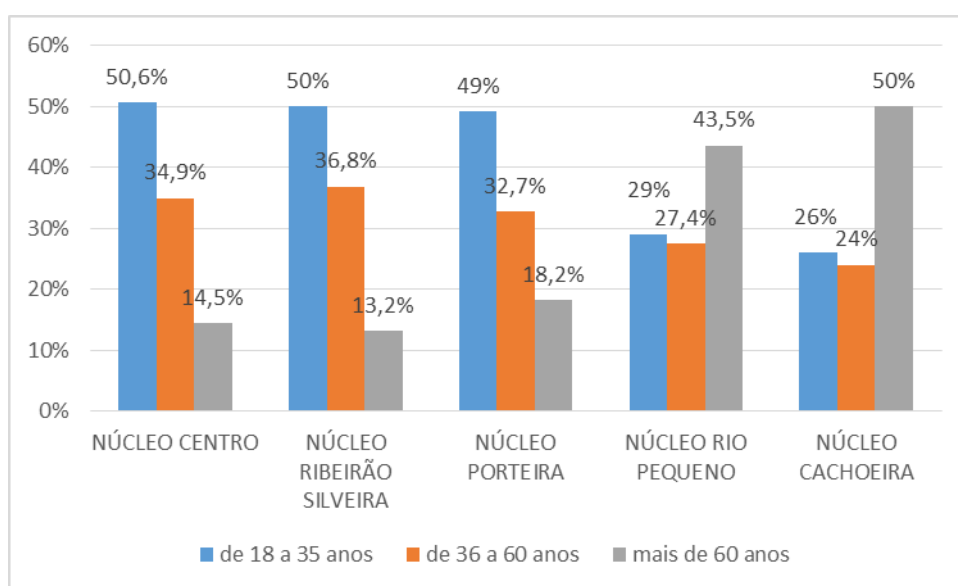


Figura 09: Distribuição etária dos entrevistados conforme os núcleos populacionais da Aldeia Indígena Ribeirão Silveira.

A distribuição etária (a partir dos 18 anos de idade) da comunidade indígena pesquisada, revela um grande percentual de jovens. Já o percentual de pessoas idosas com mais de 60 anos, coincide com os núcleos mais afastados da Rodovia Doutor Manuel Hyppolito Rego – Rodovia Rio-Santos SP55, contudo, mais próximas à encosta da Serra do Mar, conforme divisão geográfica (Figura 05).

Os indígenas mais idosos, procuram uma proximidade com a mata, para a purificação de seus corpos e espíritos, o que denominam como terra perfeita (*tekoá*). Esse movimento de migração para a Serra do Mar já foi apontado por Pierre (2013), onde seus estudos em comunidades Guarani Mbyá do Vale do Ribeira revelam sincretismos aspectos culturais e religiosos envolvendo a migração para as encostas da Serra do Mar, e antes citado por Ladeira (1996), que relata o deslocamento de grupos Guarani Mbyá, compostos por membros mais idosos, em direção à aldeias litorâneas, em busca da terra sem males.

Em relação ao grau de escolaridade, as respostas foram categorizadas nas etapas: não alfabetizado, ensino fundamental 1, ensino fundamental 2, ensino médio e ensino superior, (tabela 1).

Tabela 1 – Grau de escolaridade dos entrevistados da Aldeia Ribeirão Silveira, SP.

Núcleo	NÃO ALFABETIZADO	FUNDAMENTAL 1	FUNDAMENTAL 2	ENSINO MÉDIO	ENSINO SUPERIOR
NÚCLEO CENTRO	-	63,9%	20,5%	14,5%	1,2%
NÚCLEO RIBEIRÃO SILVEIRA	8,3%	41,1%	33,1%	16,1%	1,4%
NÚCLEO PORTEIRA	10,9%	37,5%	20,2%	10,9%	20,5%
NÚCLEO RIO PEQUENO	11,3%	56,5%	25,8%	6,5%	-
NÚCLEO CACHOEIRA	20,8%	45,2%	26,8%	6,3%	2%

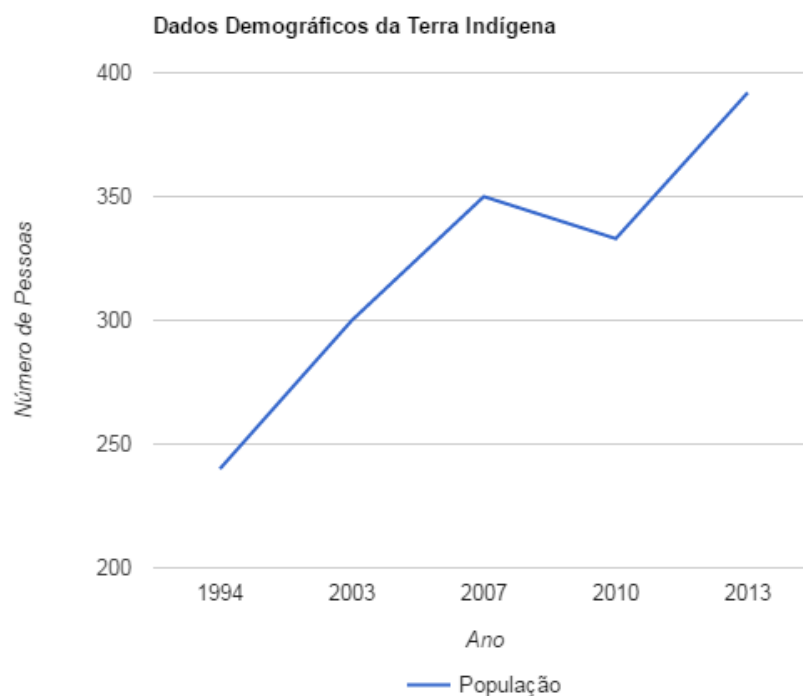
As famílias são compostas na maioria das vezes por 5 pessoas. Não foram apontadas pelos participantes, famílias compostas por menos de 4 pessoas. A organização social do povo Guarani Mbyá baseia-se em famílias amplas, ou seja, família constituída pelo casal, pais ou sogros, filhos solteiros e casados, genros, noras e netos. Sendo assim, uma família abrange diversos núcleos familiares. As

residências também podem compreender agregados, amigos e parentes oriundos de outras aldeias, hospedados por períodos e motivos variados (tabela 2).

Tabela 2 – Frequência de composição familiar dos entrevistados por núcleo

Núcleo	4 pessoas	5 pessoas	6 ou mais pessoas
NÚCLEO CENTRO	18,1%	42,2%	39,7%
NÚCLEO RIBEIRÃO SILVEIRA	17,1%	36,8%	40,8%
NÚCLEO PORTEIRA	18,2%	45,5%	36,4%
NÚCLEO RIO PEQUENO	9,7%	62,9%	27,4%
NÚCLEO CACHOEIRA	16%	46%	38%

Todos os entrevistados confirmam que, houve no decorrer do tempo um aumento da população Guarani Mbyá nas terras indígenas Ribeirão Silveira, informação essa presente nos registros do Instituto Socioambiental – ISA (Figura 10). O Principal motivo do aumento da população, citado por 90% dos entrevistados é a tentativa de resgatar as tradições Guarani Mbyá, pois, nas encostas da Serra do Mar, encontra-se o lugar sagrado para fé e desempenho religioso. Os entrevistados apontam que a localização da reserva indígena abriga divindades, e, além disso, é em direção ao oceano que se encontram as terras sagradas; a Terra sem Males (*yvy mara e' y*). Os demais 10% não souberam informar o motivo do aumento populacional.



Fonte: Instituto Socioambiental (ISA), 2016

Figura 10: Dados demográficos da Reserva Indígena Ribeirão Silveira. Fonte: Instituto Socioambiental.

Fonte: Instituto Socioambiental - data da imagem: 20/06/2016.

Novas migrações Mbyá, procedentes do Sul do Brasil, em busca das terras sagradas, intensificaram-se a partir do final do século 20, gerando o surgimento de novas aldeias Guarani, em especial, ao longo da mata atlântica, próxima à costa paulista, como no caso, a Aldeia Indígena Ribeirão Silveira, que apresenta grande crescimento ao longo da história (Figura 10). Em meados da década de 1980, registravam-se 4 aldeias na Grande São Paulo (Morro da Saudade ou Barragem, Crucutu, Mboi-Mirim e Jaraguá) e 5 aldeias na faixa litorânea (Itariri, Bananal, Rio Branco, Ribeirão Silveira e Boa Vista). Em 1999, registravam-se 16 núcleos Guarani na faixa litorânea paulista, do litoral Sul para o Norte: Aldeia Caú (Ilha do Cardoso), Rio Branco II e Santa Cruz (Cananéia), Pindó Ty (Pariquera-Açú), Jacupiranga (Jacupiranga), Pakuri Ty e Guapy (Iguape), Capoeirão e Rio do Azeite (Itariri), Biguá, Bananal (Peruíbe), Rio Branco (Itanhaém), Aguapeú e Itaóca (Mongaguá), Ribeirão Silveira (Bertioga), Boa Vista (Ubatuba). Em menos de 10 anos depois, em 2008, já eram registradas 26 aldeias Guarani entre o Vale do Ribeira e o Litoral Paulista (AZEVEDO, 2013).

3.2 Dinâmica de obtenção e uso de recursos na comunidade Indígena Ribeirão Silveira

Os Guarani Mbyá da Aldeia Indígena Ribeirão Silveira entendem por atividades produtivas os atos de plantar, semear o que a família deseja plantar, a realização de roças comunitárias, conforme os interesses coletivos da comunidade ou individuais em sistema de mutirões, confeccionar artesanato, caçar e pescar (Figura 11).

Segundo Ladeira (2004), o usufruto dos recursos naturais obedece ao padrão de “economia” de subsistência Guarani que, vinculado às esferas religiosa, política e social, se fundamenta nos preceitos da “Terra sem Mal”, onde a noção de fartura está associada à qualidade de perenidade dos elementos e não à noção de quantidade ou armazenamento dos recursos.

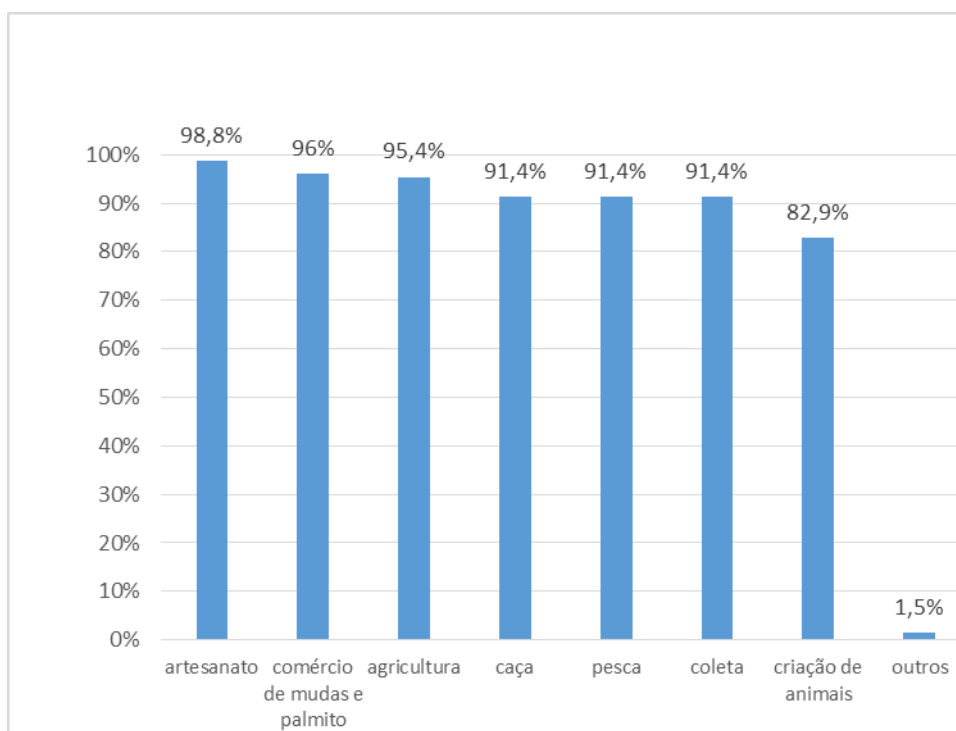


Figura 11: Principais atividades desenvolvidas pelos entrevistados na Aldeia Ribeirão Silveira, Bertioga (SP).

As principais atividades desenvolvidas são a produção de artesanatos, mudas de bromélias e palmito. Na categoria outros, enquadram-se os entrevistados que possuem nível superior, atuam como professores na escola municipal de ensino

fundamental *Nhembo 'e' a Porã*, localizada dentro da comunidade, como também, famílias que recebem subsídios do governo. Atividades como a caça e criação de animais, pesca e coleta, também são realizadas pela população (Figura 11).

Segundo relatos das lideranças religiosas na Aldeia Ribeirão Silveira, a atividade principal de subsistência no passado era a lavoura, em especial, o plantio de grãos e tubérculos presentes na dieta Guarani Mbyá, complementada pelas atividades de caça, pesca e coleta. Atualmente, a atividade perde espaço para o comércio de artesanatos, palmito e mudas produzidas no viveiro (Figura 11).

Nessa região, 59% dos entrevistados apontam com propriedade que a subsistência das famílias depende em sua totalidade de recursos da mata. Atividades como a caça e a pesca são frequentes. A prática da agricultura do milho e mandioca eram promissoras no passado, sendo mais restritas atualmente. Dentre os demais entrevistados, 40,9% também afirmaram a dependência no passado da mata para subsistência, porém, não se recordam ou não acrescentaram informações complementares.

Tal panorama já foi apontado por comunidades Guarani Mbyá no Rio Grande do Sul. Conforme Cossio (2015), o sustento está longe de restringir-se à floresta, abrangendo ocupações variadas como vendas de produtos variados, trabalho remunerado e locais de venda de artesanato nas cidades e seus mercados.

3.2.1 O artesanato Guarani Mbyá na Aldeia Indígena Ribeirão Silveira

O artesanato é uma das principais atividades geradoras de renda, praticada pelos membros da comunidade (Figura 12). No cotidiano Guarani Mbyá, em especial dos mais jovens, é corriqueira a ida habitual à mata, para selecionar e coletar matéria prima para a confecção dos artesanatos. Para a coleta, é preciso saber identificar os materiais, entender a natureza de cada um, e realizar o processo de coleta, respeitando-se o calendário Guarani Mbyá, sem interferir com o ecossistema.

Cherobim (1986), já destaca uma redução crescente de atividades como roças, e caça e pesca, concomitante a uma súbita evolução do artesanato como fonte

principal de renda, relatando ainda, atividades remuneradas nas cidades ou fazendas do entorno.

As tarefas, desde a produção, até chegar à venda, são distribuídas entre os membros da família, segundo critérios de idade, sexo e aptidão. A produção de artesanatos também se insere na dinâmica migratória, havendo o intercâmbio de matéria prima e peças entre famílias. Entretanto, todos os entrevistados apontam que artefatos pessoais utilizados no ambiente doméstico, em atividades do cotidiano e em rituais religiosos, não são comercializados.

De acordo com Assis (2006), em seus estudos entre os Guarani Mbyá no Rio Grande do Sul, alguns artefatos podem ser convertidos em mercadoria. Porém, artefatos religiosos, entre outros de uso pessoal, são considerados como presente oferecido por *Nhanderú*, e estes não poderiam ser vendidos. Dessa forma, a autora ressalta a diferença entre o artesanato confeccionado como mercadoria, dos demais objetos confeccionados pela etnia.

Foram citadas quatro espécies dentre os entrevistados, sendo que, todas não-cultivadas, no caso, lágrima-de-nossa-senhora (sementes) (*Coix lacryma-jobi* L.), taquara (*Merostachys* sp.) ou bambu verde e amarelo (*Bambusa vulgaris* Schrad. ex J.C.Wendl), penas e cipós.



(a)



(b)

Figura 12: Artesanatos confeccionados pelos indígenas Guarani Mbyá. (a) artesanatos expostos à venda, (b) moradores expondo os produtos nos quintais e ao longo da estrada de acesso à reserva indígena.

Fonte: Acervo pessoal.

O trabalho com cestaria na comunidade Guarani Mbyá da Aldeia Indígena Ribeirão Silveira é realizado principalmente pelas mulheres mais velhas da aldeia, que, além de confeccionar os cestos, são responsáveis por transmitir os

conhecimentos da etnia por meio dos grafismos presentes nas cestarias. Para elaborar os cestos, as avós (*xejari*) organizam ambientes calmos, onde a família possa se reunir, visto como o artesanato não é meramente uma produção de artefatos, mas sobretudo, para reavivar o senso coletivo, garantindo assim, a busca pela integridade do modo de vida Guarani Mbyá.

Santos Neves (2016), relata um contexto diferente em seus estudos com os Guarani Mbyá em Santa Catarina, onde, a cestaria praticamente não é fabricada na comunidade onde, mesmo dispondo dos recursos necessários para a fabricação em abundância na natureza, a atividade é restrita a poucas mulheres em sua elaboração.

3.2.2 O viveiro de mudas desenvolvido pelos indígenas Guarani Mbyá na Aldeia Indígena Ribeirão Silveira

Além do artesanato, a Aldeia Indígena Ribeirão Silveira produz, há aproximadamente 15 anos, mudas de palmito juçara (*Euterpe edulis* Mart) para fins de reflorestamento da mata. Concomitantemente a esse período, também foram incorporados o cultivo e a comercialização de mudas de outras espécies como a pupunheira (*Bactris gasipaes* Kunth) e açazeiro (*Euterpe oleracea* Mart.), bem como e de plantas ornamentais, como bromélias (*Bromeliaceae* sp.) (Figura 13). A iniciativa, visou inicialmente o aumento da oferta de palmeira juçara na mata, um dos recursos mais tradicionais do povo guarani, e que hoje encontra-se ameaçado de extinção.



Figura 13: Viveiro de mudas da Aldeia Indígena Ribeirão Silveira para fins de reflorestamento e comercialização (Bertioga/SP).

Fonte: Acervo pessoal.

O projeto denominado como “*Nhanhoty Jejy*”, que significa Fortaleza do Palmito-Juçara, ganhou repercussão, e atualmente é reconhecido pela Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP), que em 2002 conferiu à comunidade o Prêmio Gestão Pública e Cidadania pela iniciativa.

As lideranças religiosas não mencionaram exatamente os ganhos com a comercialização dos recursos, mas esclarecem que os lucros são repartidos entre todos os trabalhadores, como também, utilizados em outras ações e melhorias dentro da aldeia.

Projetos similares foram implantados pela FUNAI em outras aldeias Guarani no Rio de Janeiro e em Santa Catarina. Na aldeia Bracuí, no Rio de Janeiro, o projeto visa o enriquecimento e recomposição florestal com o plantio de palmeiras juçara e pupunha. Já na aldeia Ibirama em Santa Catarina, o projeto visa o plantio e comercialização de eucalipto para geração de renda (PNGATI, 2018).

3.2.3 A agricultura Guarani Mbyá na Aldeia Indígena Ribeirão Silveira

Conforme relatado pelas lideranças indígenas, no processo de agricultura Guarani Mbyá, compete às mulheres e crianças semear, limpar a roça e a colheita. As roças são organizadas de forma coletiva, com a produção voltada às necessidades de cada família, dividida de forma proporcional entre todos.

Os locais destinados para as roças são próximos à aldeia, porém, um pouco distantes das residências. A área de cultivo familiar é restrita, não excedendo uma média de cinco hectares, e visa a subsistência.

A agricultura constitui-se em uma das principais atividades da cultura Guarani Mbyá, seja no plantio de espécies voltadas à sua alimentação e comercialização de excedentes, cujas sementes são armazenadas e, em caso de mudança das famílias para um outro território, são transportadas para o cultivo em suas roças (FUNAI, 2013; ISA, 2016).

Para a colheita, a mesma é realizada manualmente, com exceção dos tubérculos, onde há a utilização de pás ou enxadas. A colheita é realizada respeitando o tempo de amadurecimento e conforme a utilização dos produtos, onde são reservadas sementes como milho, amendoim entre outros grãos, para garantir novos plantios.

Os ciclos de cultivo e manejo do ambiente pelos Guarani são acompanhados por um calendário próprio, que divide o ano em duas estações bem definidas: *ara pyau* - “tempos novos”, corresponde ao período de primavera/verão do calendário gregoriano e o *ara yma* - “tempos antigos”, coincide com o período de outono e inverno (Figura 14).

Legenda

Ara Pyau verão

pássaros

sol

tempestade

Ara Yma inverno

trovão

ventania



Jaxy ray / lua nova



Jaxy endy mbyte / lua crescente



Jaxy oua guaxu / lua cheia



Jaxy nha pytu / lua minguante



opy / casa de rezas



nheemongarai / mudas/sementes



plantar



carpir



colheita para sementes



colheita / produtos



nheemongarai / alimentos



nheemongarai / nomes



construir



derrubar



cortar



armadilha



caçar



pescar



artesanato

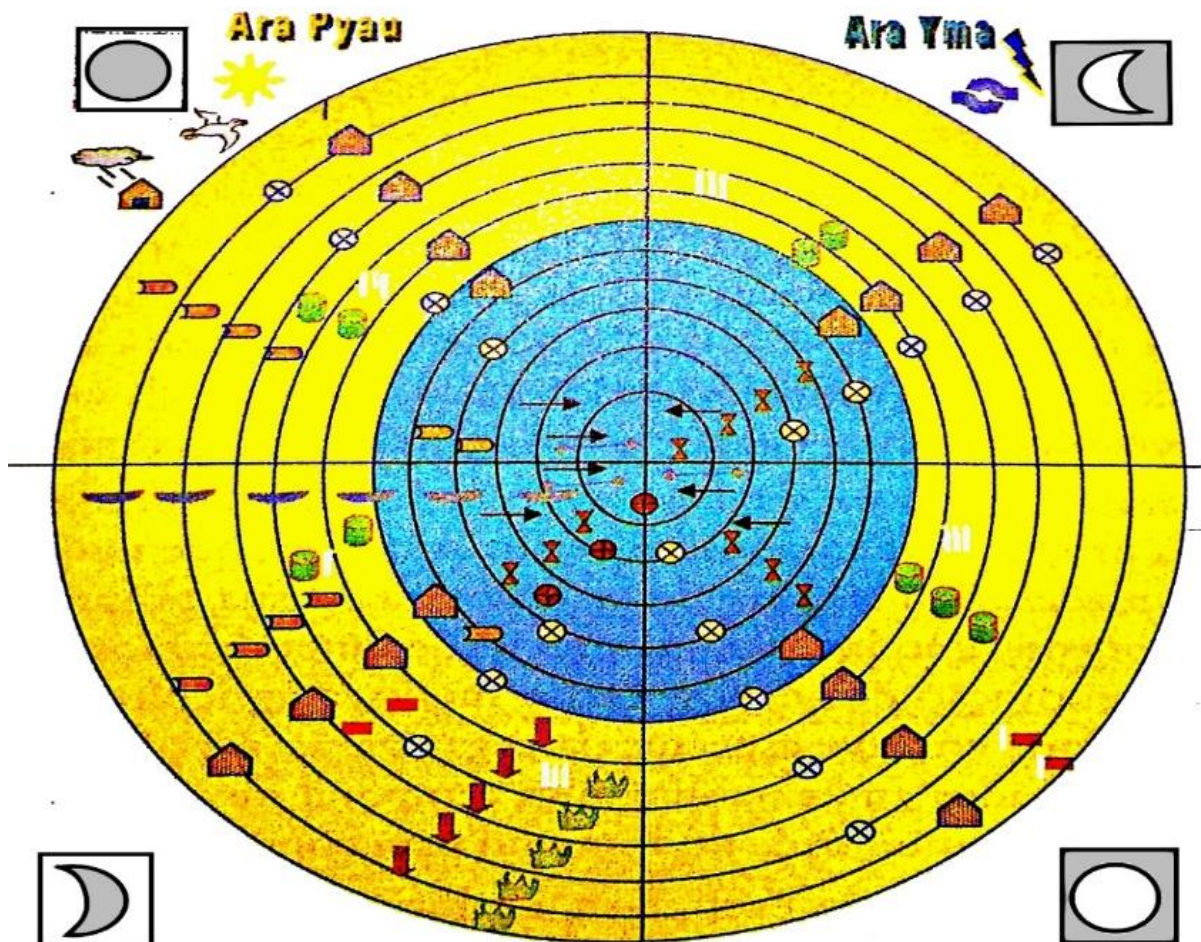


Figura 14: Calendário Guarani Mbyá – A vida em ciclos.

Segundo Ladeira (2008), a observação de fenômenos ambientais como ventos, chuvas, tempestades e as diversas fases da lua (*jaxy*), influenciam na ordenação de suas atividades agrícolas, indicando inclusive o reconhecimento e identificação de uma nova estação, como por exemplo, no final do *ara yma* sempre vem uma ventania (*yvytu vaekue*) anunciando os tempos novos (*ara pyau*) (LADEIRA, 2008).

O período ideal para o plantio, conforme as lideranças religiosas entrevistadas, como também os entrevistados mais idosos (27,8%), corresponde ao compreendido entre o final do *ara yma* e início do *ara pyau*, entre o final da lua cheia (*jaxy nhepytũ*) e início da lua minguante (*jaxy mbyte py*). Os entrevistados, apontam que o não cultivo de milho é devido à infertilidade do solo argiloso.

Tabela 3 – Calendário agrícola guarani (FUNAI, 2016).

Práticas		Ara Pyau (2013)						Ara Yma (2014)						Ara Pyau (2014-2015)						Ara Yma (2015)					
		9	10	11	12	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	1	2	3	4	5	6	7	8
Preparação do Terreno																									
Carpir																									
PLANTIO	Mandioca																								
	Batata doce																								
COLHEITA	Mandioca																								
	Batata doce																								
MANEJO DOS RECURSOS	Taquara																								
	Bromélias																								
	Pupunha																								

Em regra, as atividades agrícolas na aldeia têm seu início entre os meses de junho, julho ou agosto, pertencentes ao final do *ara yma*, quando ocorre a lua crescente (*jaxy endy mbyte*), época propícia, para produzir vitalidade nas plantas da roça, segundo os entrevistados (Tabela 3).

A comunidade atualmente, segundo as lideranças indígenas, está resgatando o manejo tradicional de cultivo dentro da Aldeia Indígena Ribeirão Silveira, preparando uma roça destinada para o plantio de mandioca. O processo tradicional de corte, derrubada e queima foi realizado por todos os homens da comunidade, onde os conhecimentos tradicionais foi ensinado aos mais jovens no decorrer da atividade.

Após a colheita, o processo será repetido em outra área, para recomposição da mata (Figura 15).

Conforme Arruda (2001), a prática de corte e queimada da vegetação para fundação de roças é uma prática tradicional guarani, sendo reproduzida em uma organização característica de manejo, que abrange os procedimentos de corte ou derrubada de vegetação presente no local, queima de substrato, plantio das espécies, colheita dos frutos e por fim, o pousio, que é a troca de área de cultivo, para que a vegetação nativa se restitua.



Figura 15: Detalhe do preparo da área de roça, organizada em iniciativa própria pela comunidade Guarani Mbyá da Aldeia Indígena Ribeirão Silveira.

Fonte: Acervo pessoal.

3.2.4 A caça Guarani Mbyá na Aldeia Indígena Ribeirão Silveira

A caça foi citada por 91,4% dos entrevistados como uma atividade presente no cotidiano da cultura Guarani Mbyá. Entre os recursos de caça preferidos estão o tatu (*Dasypodidae*), a capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*), a paca (*Cuniculus paca*) e aves diversas.

Os entrevistados mais idosos e na faixa etária intermediária relatam que no passado, desde a infância, essa atividade era ensinada aos meninos, que aprendiam com os parentes mais velhos o preparo das armadilhas e a confecção de arcos e flechas. Quando os meninos ingressavam a fase adulta, que para os Guarani Mbyá é compreendida aos 13 ou 14 anos, iniciavam a prática da caça. Dessa forma, apenas os indígenas mais experientes, adentravam à mata para caçar.

Por consistir em uma atividade individual e masculina, segundo relatos dos entrevistados, compete aos homens após a autorização e “benção” do Pajé. Na noite anterior à caçada, passam a noite na casa de reza pedindo que *Nhanderu* permita uma boa caça. Na parte da manhã, adentram à mata para capturar animais, como também, verificar o sucesso ou não de suas armadilhas. Para a atividade, fazem uso de armadilhas e artefatos apropriados para cada espécie, confeccionados com recursos extraídos da própria floresta, como toras de madeira e cipós. O resultado da caça é, em regra é consumido em uma festividade coletiva, para todos os membros da comunidade e preparada pelas mulheres.

Segundo os entrevistados mais idosos, a época propícia para a caça de animais de grande porte, como paca (*Cuniculus paca*) e capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*), é entre os meses de agosto e dezembro. Entre janeiro e março, a predileção é pela captura de animais de pequeno porte, como tatu (*Dasypodidae*) e aves diversas. De acordo com os entrevistados, os períodos de caça devem-se ao respeito pela respectiva época de reprodução destes animais.

De acordo com Pereira (2016), o caçador celebra agradecendo respeitosamente aos “*donos*” do animal, erguendo a caça capturada. Ao retornar à aldeia, é recebido pela comunidade com cantos e danças, e, após a distribuição das vísceras, o corpo do animal é dividido em peças, que são colocadas nas panelas e os “*parentes*” são chamados para comer. Por fim, todos rezam e comem com alegria, agradecendo àquele que capturou o animal e proporcionou a refeição.

A atividade da caça, vedada ao não-indígena, é garantida ao indígena pela Constituição Federal e Estatuto do Índio, afim de preservar costumes e atividades de comunidades tradicionais (BRASIL, 1973; BRASIL, 1988; OURIQUES JÚNIOR, 2014).

3.2.5 A pesca Guarani Mbyá na Aldeia Indígena Ribeirão Silveira

A pesca apresenta importância essencial no modo de vida guarani. Atualmente, como herança da convivência com o não-indígena (*juruá*), apontada por 96,3% dos entrevistados, é realizada por meio do uso de anzol e linha. Entre os recursos de pesca preferidos estão o bagre (*Rhamdia* spp.), traíra (*Hoplias* spp.), lambari preto (*Astyanax* spp.) e cará (*Geophagus* spp.).

A pesca é realizada ao longo dos rios Vermelho e Ribeirão Silveira, principais da região. Para a execução da atividade, os Guarani Mbyá fazem uso de redes, armadilhas e anzóis, para a captura das espécies (FUNAI, 2013; ISA, 2016).

No passado, realizava-se por meio da utilização de arco e flecha, onde podiam capturar peixes em longo alcance. Os entrevistados mais idosos relataram que, para que o peixe atingido não se perdesse ou fosse levado correnteza, amarravam cipós nas pontas das flechas

Crovetto (1968), em sua pesquisa com os Guarani Mbyá da província de Misiones, Argentina, relata a adoção de linha e anzóis aprendido com o não-indígena, que, segundo os relatos, proporciona maior facilidade na atividade tradicional.

A pescaria, segundo as lideranças e entrevistados mais idosos, deve ser realizada em água corrente, em pontos de descida do rio ou em quedas d'água, denominados pelos entrevistados por água “*corrida*”. Realizar a pescaria nestes pontos, proporciona saúde e vitalidade.

Tempass (2015), em seus estudos, também se refere aos pontos de pesca em água “*corrida*” ou água “*viva*”, que é considerada sagrada. Locais de água corrente limpam o corpo de impurezas, oferecem alimentos divinos e propiciam a perfeição dos corpos e almas. Já a pescaria em locais de água parada, “*morta*”, podem conter espíritos perigosos ou transmitir “*feitiços*”.

Ainda empregam armadilhas como o *pari*, um tipo de cesto construído com cipós, bambus e taquaras é posicionado na descida do rio ou correnteza, o qual abarca boa quantidade de peixes. O *pari*, segundo os entrevistados, é mantido dentro do rio por vários dias, até que fique repleto de peixes, cabendo às mulheres e crianças a tarefa de vigiar os cestos, que são retirados pelos homens e selecionados os machos adultos (Figura 16).

Tempass (2015) relata em seus estudos com os Guarani Mbyá no Rio Grande do Sul, que a pesca com *pari* é realizada durante os meses de março e abril, conforme calendário da etnia, com o intuito de não comprometer a época de reprodução dos peixes. Toda a comunidade, sendo homens, mulheres e crianças, se deslocam até a beira dos rios, e participam de forma direta ou indireta da pescaria, cabendo aos homens a instalação das armadilhas, e a mulheres e crianças a vistoria.



Figura 16: Pari exposto no teto da casa de reza (opy), e demais artefatos Guarani Mbyá, apresentados por uma das lideranças religiosas da Aldeia Indígena Ribeirão Silveira.

Fonte: Acervo pessoal.

Cabe destacar que, embora habitem a zona litorânea do sudeste brasileiro, peixes de água salgada e outros recursos marinhos não foram relatados como utilizados por esta população.

3.2.6 A coleta Guarani Mbyá na Aldeia Indígena Ribeirão Silveira

A prática de coleta de recursos naturais na Aldeia Indígena Ribeirão Silveira revela um profundo conhecimento tradicional de reconhecimento do ambiente, como também das espécies. Um dos exemplos narrados pelos entrevistados mais idosos e na faixa etária intermediária, é a coleta da taquara (*takua ovy*), utilizada na confecção de cestos e para cobertura das casas. Os entrevistados indicam que, o melhor período para a coleta desse recurso é entre os meses de junho e novembro, conforme calendário da etnia. Após esse período, a *takua ovy* fica rígida, dificultando seu manuseio. Os entrevistados ressaltaram que, conforme o calendário, o período de lua nova (*jaxy pyau*) não é recomendado para a coleta da taquara.

Zanin (2006), revela em sua pesquisa realizada com oito aldeias Guarani Mbyá no Rio Grande do Sul, um procedimento semelhante ao utilizado pelos entrevistados da Aldeia Ribeirão Silveira. Para a coleta do capim santa-fé (*Panicum rivulare*), ou *capi*, utilizado em artesanatos e na cobertura de edificações, os indígenas respeitam igualmente ao calendário da etnia, e a coleta só pode ser realizada em períodos de lua minguante.

Todos os entrevistados confirmam que, as atividades de coleta de recursos são sempre coletivas. Organizada pelo cacique, os insumos são adquiridos, repartidos e preparados em rituais religiosos, desde a benção das sementes, preparo das roças, saída para a caça e construção de moradias para recém-chegados à aldeia, sendo que, o último motivo enquadra-se nas regras de utilização dos recursos naturais.

Segundo Moran (1990), a coleta de recursos naturais por populações indígenas é basicamente para subsistência, sendo que, pode-se definir subsistência como a coleta de recursos necessários para a sobrevivência (MORAN, 1990).

3.2.7 A criação de animais Guarani Mbyá na Aldeia Indígena Ribeirão Silveira

É comum na Aldeia Ribeirão Silveira a criação de galinhas nos quintais e terreiros nos arredores das residências que são criadas livremente, com objetivo nitidamente alimentar, cabendo às mulheres, desde a função de alimentação, como também, o abate. Giordani (2012) em seus estudos com a comunidade de Iramará, no estado do Paraná, também relata a prática da criação de animais domésticos, como galinhas, patos e frangos pelas famílias Guarani contemporâneas para alimentação. (Figura 17).

A criação de animais para alimentação, segundo as lideranças indígenas, é uma prática adquirida com o não-indígena (*juruá*). Segundo eles, os “*mais antigos*”, não tinham o costume de criar animais para fins alimentares. Dessa forma, animais criados nos terrenos, como galinhas, *uru*, são consumidos na dieta Guarani Mbyá da Aldeia Ribeirão Silveira, evidenciando uma alteração cultural na questão animal de estimação e consumo.

Ao questionar as lideranças religiosas por tal fenômeno, os mesmos justificaram que, as galinhas, assim como vacas e porcos, são considerados animais trazidos pelos não-indígenas (*juruá*) para os guarani, e, por isso segundo eles, estes animais não possuem donos espirituais perigosos como os animais da mata, que concedem a permissão de cria-los como estimação.

Segundo Tempass (2015), cada animal da mata possui seu dono espiritual, que pode ser perigoso, voltando-se contra ao indígena e submetê-lo a um castigo. Para que um animal da mata seja domesticado, mesmo que seja um filhote perdido, ou um animal ferido, é preciso pedir permissão ao seu dono espiritual e para *Nhanderú*. Animais fora da mata, ou que *Nhanderú* ofereça para alimentação, não possuem donos espirituais perigosos.



Figura 17: Criação de galinhas no entorno das residências, prática comum entre os entrevistados da Aldeia Indígena Ribeirão Silveira.

Fonte: Acervo próprio.

Outro costume implementado na Aldeia Indígena Ribeirão Silveira foi a criação de peixes em tanques de piscicultura. A iniciativa de implementar tanques de criação e desenvolvimento de alevinos, foi preconizada pelas esferas governamentais, mas não houve continuidade, em virtude da falta de manutenção. Atualmente há uma intenção apontada pelas lideranças religiosas em reativar o manejo com piscicultura, atualmente desativados (Figura 18).

Projetos semelhantes com piscicultura são realizadas nas aldeias Guarani Ibirama em Santa Catarina e Bracuí no estado do Rio de Janeiro. Ambas as aldeias possuem tanques de criação e desenvolvimento de tilápias, visando a produção de pescado ao final do ciclo de crescimento, beneficiando as famílias das comunidades indígenas (PNGATI, 2018).

A pesca, segundo Tempass (2015), é uma das práticas essenciais que proporcionam a perfeição ao corpo e espírito Guarani Mbyá. Mas quando governantes resolvem implementar algum projeto, em prol da subsistência das populações indígenas, são abertos minúsculos açudes com carpas, tilápias, entre outras espécies não nativas, sem nenhum estudo ecológico. Tais ações não são o suficiente, ao contrário, acarretam mudanças culturais irreversíveis. É preciso devolver-lhes as suas

terras; suas águas; garantindo-lhes os direitos por meio de políticas públicas e divulgando sua cultura e conhecimentos sobre a biodiversidade.



Figura 18: Destaque de tanque destinado à piscicultura, atualmente desativado por falta de manutenção.

Fonte: Acervo pessoal

3.3 Recursos naturais utilizados e categorias de uso

O uso de recursos da mata como sementes, frutos, minerais, folhas, raízes dentre outros, com finalidades variadas é uma prática relatada pelos entrevistados da Aldeia Indígena Ribeirão Silveira. Foram registrados 26 tipos de recursos naturais utilizados em diferentes categorias (Tabela 4).

Os principais recursos obtidos da mata, na tradição desta população, segundo os entrevistados são as sementes de lágrima de nossa senhora (*Coix lacryma-jobi* L.) (98,9%), penas de aves (98,9%) e palmito pupunha (*Bactris gasipaes* Kunth) (97,5%). A categoria de uso com obtenção do maior índice de citações foi o artesanato, com o percentual de 98%.

Tabela 4 – Uso de recursos naturais, na Aldeia Ribeirão Silveira, Bertioga (SP), por ordem decrescente de porcentagem de citações.

NOME CIENTÍFICO	NOME JURUÁ POPULAR	NOME MBYÁ	USO	PORCENTAGEM DE CITAÇÕES
<i>Coix lacryma-jobi</i> L.	lágrima-de-nossa-senhora	Kapi'i'a	artesanato	98,9%
-	penas	îaba	artesanato	98,9%
<i>Bactris gasipaes</i> Kunth	pupunha	pupuñya	comércio	97,5%
<i>Merostachys</i> sp.	taquara	Takua ovy	artesanato	97,3%
<i>Bambusa vulgaris</i>	bambu-verde-e- amarelo	Takua	artesanato	97,3%
<i>Manihot esculenta</i>	mandioca	Mandi'o	alimentação	95,3%
<i>Rhamdia</i> spp.	bagre	pirá	alimentação	94,9%
<i>Hoplias</i> spp.	traíra	pirá	alimentação	94,9%
<i>Astyanax</i> spp.	lambari preto	pirá	alimentação	94,9%
<i>Geophagus</i> spp.	cará	pirá	alimentação	94,9%
<i>Bromeliaceae</i> sp.	bromélia	caraguatá	comércio	93,5%
<i>Ipomoea batatas</i> (L.)Lam	batata-doce	Jetý	alimentação	91,4%
<i>Zea mays</i> L.	milho	avaxi	alimentação / trato animal	89,4%
-	aves diversas	g'uirá	alimentação	89%
<i>Musa paradisíaca</i> L.	banana	mãga'rá	alimentação	87,6%
<i>Xanthosoma</i> cf. <i>sagittifolium</i> (L.) Schott	taioaba	ta'i'a	alimentação	86,5%
<i>Psidium guajava</i> L.	goiaba	Araxa guaxu	alimentação	86,1%
<i>Saccharum officinarum</i> L.	cana-de-açúcar	Takua re'ê	alimentação	85,5%
<i>Psidium cattleianum</i> Sabine	araçá	Araxa pytã; araxa	alimentação	85,2%
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	cidreira; capim-cidreira	Kapi'i kaxi	alimentação	84,9%
<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	açaí	yasa'i	comércio / alimentação	82,7%
<i>Eugenia uniflora</i> L.	pitanga	Pitanga; nhanga piry	alimentação	82,2%
<i>Handroanthus heptaphyllus</i> (Vell.) Mattos	ipê-roxo	tajy pytã	madeireiro	78,9%
<i>Dasypodidae</i>	tatu	tatu	alimentação	75%
<i>Dioscorea</i> sp.	inhame	iñame	alimentação	74,3%
	cipó (em geral)	i'cipo	artesanato / construção	67,8%
<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>	capivara	kapi'iuá	alimentação	67%
<i>Arachis hypogaea</i> L.	amendoim	mãdu'bi	alimentação	65,2%
<i>Handroanthus umbellatus</i> (Sond.) Mattos	Ipê-amarelo	tajy ju	madeireiro	63,3%
<i>Cuniculus paca</i>	paca	jaixa	alimentação	63%
<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.)	jerivá; coqueiro	Pindo; guapytã	madeireiro	47,8%

<i>Passiflora sp.</i>	maracujá	moroku'ia	alimentação	42,9%
-	barro	piranga	construção	32,2%
<i>Ilex paraguaiensis</i> A. St. Hil.	erva-mate	ka'a	religioso	1,5%

Para a categoria alimentar, os recursos mais utilizados são peixes (94,9%), seguido de raízes e tubérculos, em especial a mandioca, com 95,3% e batata doce, com 91,4%.

A mandioca entra em destaque, pois, segundo os entrevistados, a mandioca é a que apresenta maior diversidade de formas de uso, por exemplo na forma de goma, beiju, e farinha, além das folhas no preparo do *caxiri*, bebida tradicional presente na cultura alimentar. O segundo fator que diferencia a mandioca dos demais recursos é porque pode ser cultivada tanto nas roças quanto nos quintais, e o terceiro fator é pela disponibilidade destes recursos em várias épocas. Esta disponibilidade se dá porque este recurso pode ser colhido até dois anos após o plantio. As estacas necessárias para o próximo plantio, são acondicionadas em suas casas, penduradas no teto.

O uso da mandioca, anteriormente foi apontado em pesquisas, especialmente por comunidades tradicionais litorâneas (ROSSATO et al., 1999; HANAZAKI et al., 2000; PERONI et al., 2008; BORGES & PEIXOTO, 2009).

As citações de usos medicinal e religioso, tiveram um percentual baixo igualmente, com média de 1,5% nas duas categorias, pelo uso ser restrito somente aos pajés. Somente os pajés da Aldeia Ribeirão Silveira citaram recursos nas respectivas categorias. Segundo os participantes da pesquisa, somente as lideranças religiosas detém tal conhecimento, e estão autorizadas a recomendar seus usos (Figura 19).

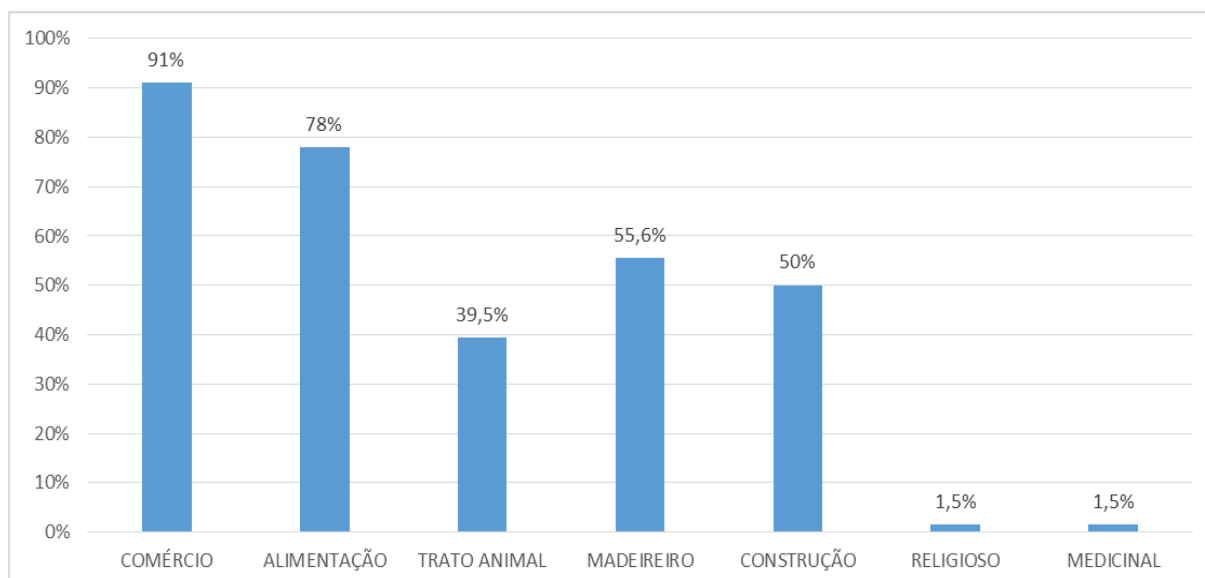


Figura 19: Usos dos recursos naturais citados pelos entrevistados Guarani Mbyá e classificados conforme categoria de uso.

Na categoria de uso religioso, houve apenas a citação de uso da erva mate, utilizada pelas lideranças religiosas em cerimônias e atendimentos na casa de reza (*opy*), conhecidos como “*rituais de bater folhas*” (Figura 20).



Figura 20: Erva mate utilizada durante rituais na casa de reza (*opy*).

Fonte: Acervo próprio.

Nesses atendimentos, de acordo com as lideranças religiosas entrevistadas, o pajé faz uso do cachimbo “*petyngua*” por meio de rezas, sopros e inicia o ritual de cura, com o ato de bater folhas de erva mate pelo corpo do paciente.

Com caráter fortemente religioso, o milho “*avaxi*”, é relatado nos estudos de Ladeira (2000), Felipim (2001) e Godoy (2015) por suas utilizações sagradas e todo o sincretismo religioso atribuído ao uso deste recurso. Porém, dentre os entrevistados da Aldeia Indígena Ribeirão Silveira, o recurso não foi citado por nenhum entrevistado para essa finalidade.

3.4 Regras de utilização dos recursos naturais na comunidade

Dentre as regras presentes na comunidade Ribeirão Silveira para uso dos recursos, todos os entrevistados apontaram a proibição da extração do palmito juçara decidida em conjunto pelos membros da comunidade, pois a espécie está sumindo da mata. Sendo assim, é permitida somente a extração do palmito pupunha, para que a espécie nativa se recupere e não haja o desgaste da floresta. Da mesma forma, o *yxó*, larva presente nas palmeiras nativas, deixou de ser consumido, para a preservação da espécie.

Já com o palmito pupunha, para que o recurso não se finde, os Guarani Mbyá realizam uma coleta planejada, onde o espaço, no qual foi realizada a extração durante um ano seguido é deixado, para que as mudas possam crescer e se desenvolver, prosseguindo com a coleta em outro espaço e assim sucessivamente, (Figura 21). Além disso, os indígenas da Aldeia Ribeirão Silveira realizam o reflorestamento das duas espécies, por meio das mudas produzidas em viveiro local.



Figura 21: Palmito pupunha cultivado pelos indígenas Guarani Mbyá na Aldeia Indígena Ribeirão Silveira, em espaço destinado à coleta e manejo.

Fonte: Acervo pessoal

Outra proibição apontada pelos participantes é a extração de recursos além do necessário para consumo, com percentual de citações de 95,2% (Figura 24). Os recursos, segundo os entrevistados, são oferecidos por *Nhanderu*, Deus supremo para os Guarani Mbyá, e os indígenas se consideram parte da terra de maneira igual ao restante das espécies. A proibição visa a manutenção da mata e a herança para as gerações futuras.

No que tange à atividade de pesca, com índice de 98,8% de citações dos entrevistados, não é permitida a pesca durante o período de inverno (*Ara yma*), pois, segundo os entrevistados, é a época da “ovada” das fêmeas. Capturar fêmeas “ovadas” prejudica a oferta de peixes para a pesca no futuro.

A última proibição apontada por 96,3% dos entrevistados, está relacionada à mudanças no modo de vida Guarani Mbyá, que é a pesca com a utilização de veneno (*timbó*). O costume era adotado pela população da Aldeia Ribeirão Silveira, que foram percebendo a diminuição da oferta de peixes durante a atividade de pesca.

A prática da pesca com *timbó*, segundo os entrevistados, fere uma das proibições anteriores, pois acabam coletando além do necessário para consumo, além

de fêmeas e peixes filhotes, acarretando em um consumo excedente e, além disso, um possível prejuízo de perpetuação das espécies (Figura 22). No lugar do uso do *timbó*, adotaram o uso da pesca por armadilhas (*pari*), onde selecionam machos adultos, como também, incorporaram a pesca com anzol e linha, aprendida com o não-indígena (*juruá*).

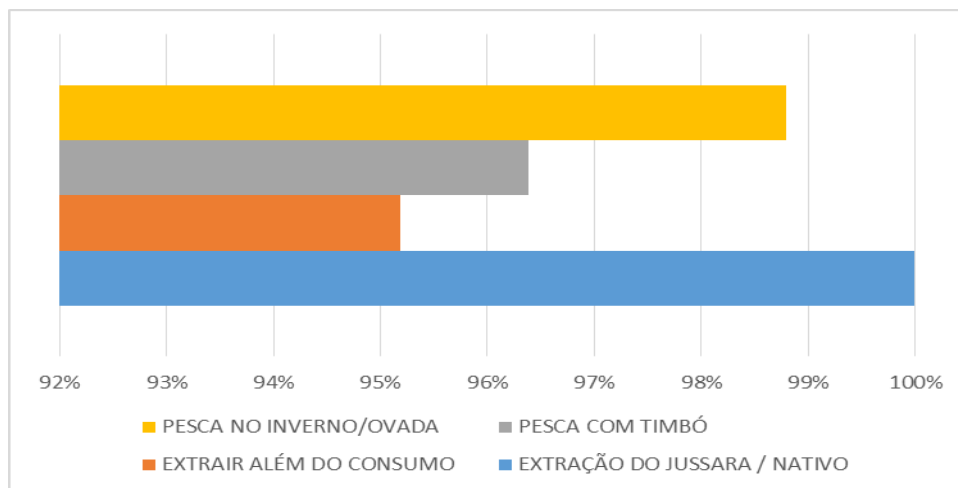


Figura 22: Proibições de uso dos recursos naturais, apontadas pelos indígenas Guarani Mbyá entrevistados na Reserva Indígena Ribeirão Silveira

Dentre as regras de utilização de recursos, a primordial é a divisão dos recursos entre todas as famílias, seguida por ajudar parentes recém-chegados, e, por fim, ajudar as viúvas da comunidade, até que seus filhos adquiram os conhecimentos necessários para ter autonomia na gestão familiar. Neste quesito, todos os entrevistados responderam com propriedade.

Como parte da tradição Guarani Mbyá, ao cacique da aldeia, cabe a deliberação acerca da organização do cultivo, como extensão, início, divisão de tarefas, entre outros. Determinações essas, que são lavradas após reunião com as lideranças religiosas ou membros mais antigos da comunidade (CORVETTO, 1968).

Conforme concepção lendária de povos primitivos, há uma conexão entre o ser humano e a natureza, em dimensões cotidianas de produção, em sua essência e no simbolismo, sendo que, esta última tem maior ênfase nos povos indígenas, tendo como exemplo, a época para pesca, caça e plantio ser determinada por tradições, misticismo e movimentações cósmicas, que são regidas por regras, modo de agir e concepções. Tal sincretismo também é presente em comunidades caiçaras, populações ribeirinhas e quilombolas (DIEGUES, 2008).

Neste contexto, o manejo de recursos naturais está intrínseco à regras, mitos, apegos e saberes, que constituem o modo e a época para a utilização de tais recursos. A esse movimento, é atribuída a denominação de elementos culturais regulatórios, visto como motivam o agir do ser humano em relação ao ambiente. (CULTIMAR, 2008).

Embora limitada por condições ambientais, a comunidade Guarani Mbyá extrai da mata, os alimentos para sua subsistência. Atualmente, a coleta e a roça têm maior relevância que a caça e a pesca, bem como a venda de artesanatos, que vêm conquistando importância substancial. Os Guarani Mbyá comercializam seus artefatos aos finais de semana e feriados. A atividade de coleta ocorre por toda terra indígena, porém com maior intensidade nas matas localizadas em seu limite sudoeste, entre a Serra e o Morro dos Bichos (FUNAI, 2013; GODOY, 2015).

Partindo destes dados, constitui-se a forma como a comunidade atua com o meio natural e realiza sistemas próprios e tradicionais para o manejo dos recursos naturais. Estabelece-se um vínculo de gratidão, importância, receio e coparticipação com o ambiente, o que se estabelece como razão principal da conservação ambiental do habitat do entorno das comunidades tradicionais. Não há indivisibilidade entre ser humano e a natureza, à medida que o ambiente presume a forma essencial de subsistência social, princípio de vida e identidade cultural, isto posto, denota a continuação de seu fazer histórico. (CUNHA, 1992; MARQUES, 2001).

3.5. Conhecimento das paisagens e transmissão oral

Em um dos relatos, uma participante relatou que diferente dos *juruá*, o povo Guarani Mbyá não fazem uso de relógio. O tempo, as atividades, ou até mesmo, o planejamento das refeições, são decisões momentâneas, vivendo-se a vida em consonância com a natureza, respeitando-se o tempo próprio de cada elemento.

A passagem do tempo para o povo Guarani Mbyá não é pautada em uma sequência cartesiana, com racionalidade dos meios visando os fins, característica da sociedade urbana. Trata-se de tempo em consonância com ciclos naturais; com

ambiente que o cerca, regidos, por sua vez pelo mítico. Para o povo Guarani, o dia não é uma soma de horas; são o dia e a noite. Não se usa relógio, e se planeja o agora, assim como na natureza (CHAMORO, 2008).

Quanto ao conhecimento de recursos no entorno, 59% dos entrevistados apontam ter adquirido esses saberes com familiares mais velhos e ancestrais. Tal percentual, se relaciona com a distribuição etária dos entrevistados na faixa de 36 a 60 anos e entrevistados com mais de 60 anos. Dentre os entrevistados, todos afirmam encontrar na mata tudo o que necessitam para subsistência.

Bonamigo (2008), aponta em sua pesquisa com os Guarani Mbyá em Paranaguá (PR) uma preocupação, a respeito dos costumes tradicionais por parte dos mais velhos, que dizem que os mais novos não gostam de plantar, caçar e pescar. No entanto, os pais lhes transmitem constantemente os ensinamentos tradicionais.

O entrevistado chave (Figura 23), bem como as lideranças religiosas conversaram acerca de seus saberes sobre o ambiente. Conhecimentos tradicionais foram revelados, como a percepção da proximidade de tempestades. Para os Guarani Mbyá, se ao observar o céu, houver a presença de revoada de tucanos, é sinal que a chuva está próxima.



Figura 23: Conhecimento do entorno, com o recurso de elemento chave, indicado pelo cacique Guarani Mbyá da Aldeia Indígena Ribeirão Silveira.

Fonte: Acervo pessoal.

Em conversa com uma das lideranças religiosas (Figura 24), o pajé dissertou a respeito do conhecimento que a etnia trazia consigo sobre o meio que os cerca; na ocasião, exemplificou, dizendo que, se os saberes dos indígenas fossem valorizados, o Aeroporto Internacional de Guarulhos deveria ser construído em outro lugar, haja vista que, *Cumbica* em tupi-guarani, significa neblina.

Percebe-se dessa forma, a transmissão oral como instrumento de propagação, que se relaciona continuamente aos saberes ensinados. Oralidade compreende concomitantemente processo e conteúdo. Dessa forma, presume-se que a transmissão oral dos saberes de comunidades tradicionais, à medida que os conhecimentos, importâncias, linguagem, sincretismos, concepções de mundo e ações são conduzidas entre os indivíduos, permitindo a continuidade do tempo passado no tempo presente (LENCLUDE, 1995; REVEL, 2005).



Figura 24: Entrevista com uma das cinco lideranças religiosas presentes na Aldeia Ribeirão Silveira (Bertioga/SP).

Fonte: Acervo pessoal.

Conhecimentos de populações tradicionais, em especial, no que tange ao uso de recursos naturais e ao movimento de transmissão oral, são elementos que compõem os saberes desses povos, ou seja, é o conjunto de saberes e práticas a respeito do mundo físico e mítico, propagado entre as gerações oralmente. A constituição dos saberes tem ampla analogia com o meio ocupado por estas

comunidades, como por exemplo, o conhecimento difundido por pescadores acerca do meio marítimo, ressaltando que a ciência tradicional alia os saberes de pessoas mais experientes com o contexto (ARRUDA & DIEGUES, 2001; SCHIMIDT, 2001; ALLUT, 2001).

A transversalidade entre a sabedoria dos antigos e o contexto das comunidades permeia à concepção de saberes tradicionais como elementos históricos, formados pelo prosseguimento e aprimoramento de seus teores. A inclusão destes dados na consolidação dos saberes tradicionais, faz com que o processo de transmissão oral seja considerado como meio essencial de perpetuação cultural, construção de conhecimento, experimentação e pesquisa (BECQUELIN, 1992; ELLEN, 1997; CUNHA, 1999; TOLEDO, 2001; MELLO, 2008).

3.6 Percepções sobre mudanças no ambiente

Uma percepção relevante quanto ao modo de vida Guarani Mbyá é a diminuição da presença de abelhas nativas, ou, segundo os entrevistados (68,3%), as abelhas sem ferrão, que acarretou no prejuízo de uma atividade importante e tradicional, que é a extração e o consumo de mel (Figura 25). O mel é parte integrante da cultura Guarani, pois as abelhas são consideradas seres protetores da vida, em virtude da polinização, colaborando assim, para a manutenção das florestas. A ausência de abelhas no entorno sinaliza que a natureza está em desequilíbrio. Os entrevistados (68,3%) apontam que a reserva não é mais saudável desde a construção da Rodovia Rio Santos. O trânsito, o barulho e a poluição contaminaram o ar e perturbaram a paz, afastando as abelhas e colocando em risco, a pureza da terra.

Posey (1987), sugere que os saberes sobre o manejo de abelhas nativas por populações indígenas, pode ser útil para que se pesquise acerca da polinização de florestas tropicais. Além disso, o conhecimento tradicional pode ser estudado a partir de dados obtidos sobre o plantio intencional de espécies florais em interface com práticas de manejo com abelhas nativas.

A influência do não-indígena “*juruá*” também é um fator crucial na mudança do modo de vida Guarani Mbyá. Segundo os entrevistados (69,5%), muitas palavras e até mesmo o próprio dialeto está caindo em desuso (Figura 25). Os entrevistados mais

novos, na faixa dos 18 aos 35 anos, alegam não utilizar no cotidiano, algumas palavras que seus pais ou familiares mais velhos utilizam, com a justificativa de não entender ou não precisar mais. Os entrevistados mais velhos também percebem a mudança no dialeto dos moradores mais jovens e a incorporação cada vez mais constante de palavras *juruá* no cotidiano.

Leff (2011), aponta a vontade apresentada por comunidades indígenas pelo resgate de tradições, línguas e costumes em consonância com a revalorização de seu patrimônio de recursos naturais e culturais. Procuram dessa forma, restaurar o ambiente que habitam, apropriando-se do seu potencial produtivo e melhorando sua qualidade de vida e condições de existência, definidas por seus valores identidades cultural.

Outro ponto da influência *juruá* nos costumes tradicionais é a compra de alimentos industrializados. Com isso, tradições como a caça e, acima de tudo, o ritual da confecção de arco e flecha estão sendo cada vez menos perpetuados. Os entrevistados mais velhos relatam que os mais novos não demonstram interesse no aprendizado das tradições.

Os estudos de Badie (2015), revelam mudanças no modo de vida tradicional Guarani Mbyá entre os indígenas da província de Misiones. Os ancestrais das aldeias, apontaram também que muitas práticas e rituais tradicionais, como os ritos de iniciação à vida adulta, já não eram mais realizados devido às mudanças no *nhandereko* ou modo de vida, a partir do contato permanente com a sociedade ocidental.

Enfim, os entrevistados alertam um ponto crucial de alteração na cultura Guarani, que é a falta de união. Com percentual de 85,4%, a união está cada vez menos presente no modo de vida Guarani Mbyá (Figura 25). Os entrevistados apontam a divisão da aldeia em núcleos, como gerador da ausência de espírito coletivo entre os moradores, indicando assim, um motivo de preocupação para as gerações futuras.

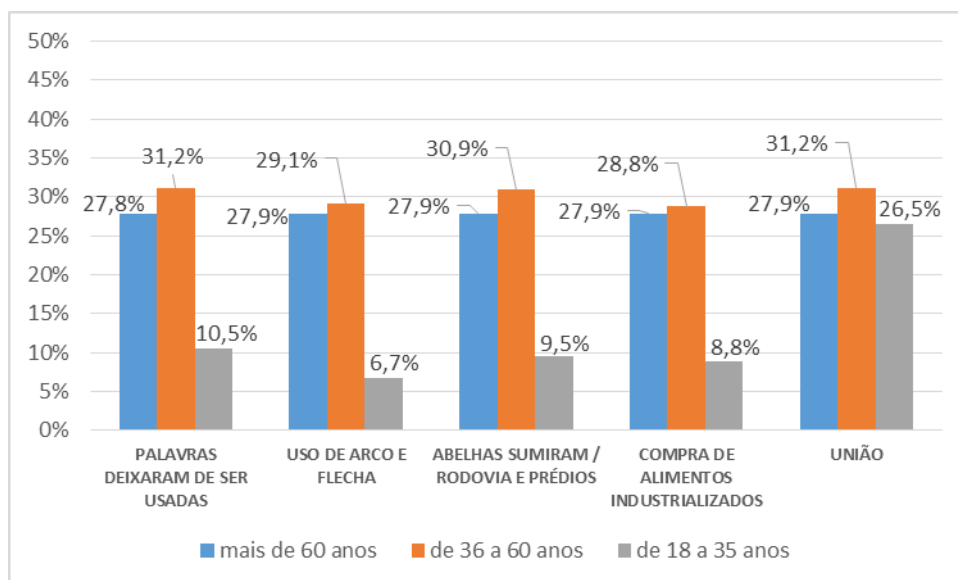


Figura 25: Influência do não-indígena no modo de vida Guarani, segundo os entrevistados da pesquisa na Aldeia Indígena Ribeirão Silveira, classificados por faixa etária.

4. CONCLUSÃO

Os saberes tradicionais de comunidades como a Guarani Mbyá da Aldeia Indígena Ribeirão Silveira, à medida que são associados aos saberes científicos, podem oferecer subsídios importantes para o manejo e conservação dos recursos naturais. Sendo assim, este trabalho consegue, de maneira indireta, oportunizar benefícios à população ao passo que se propõe identificar mecanismos de apropriação e aplicabilidade do conhecimento da biodiversidade em prol da conservação dos recursos disponíveis para estas populações.

A Aldeia Indígena Ribeirão Silveira é uma região rica, escolhida pelos Guarani Mbyá como morada (*tekoá*). Nessas paisagens são obtidos e cultivados recursos naturais para a prática de diversas atividades produtivas, algumas tradicionais, outras já alteradas em seu modo de vida, como vegetais, água e caça, além dos benefícios imateriais (cultura e religiosidade).

Em relação a cada núcleo, o esforço amostral correspondeu a aproximadamente 50% de entrevistados adultos. O processo de migração entre o povo Guarani Mbyá ainda é constante na Aldeia Indígena Ribeirão Silveira, costume esse, em virtude da busca da terra perfeita (*tekoá*), apresentado entre os entrevistados mais idosos.

Foi observada uma relação entre o manejo de recursos naturais definidos pelos Guarani Mbyá com fundamentos fortes, hoje reconhecidos pela ciência. No entanto, o que difere o conhecimento e percepção indígena do conhecimento técnico científico é a presença de aspectos culturais (memória) e tradicional. Com isso, as ações registradas indicam a profundidade do conhecimento dos Guarani Mbyá e uma ligação de práticas e vivências, atuais e passadas, com os nomes, memórias, atributos ecológicos, usos dos recursos e seus significados, favorecendo uma maior compreensão de sua relação com o ambiente.

O artesanato é uma das principais atividades geradoras de renda, e para a atividade, foram citadas quatro espécies dentre os entrevistados, sendo que, todas não-cultivadas, no caso, lágrima-de-nossa-senhora (sementes) (*Coix lacryma-jobi* L.), taquara (*Merostachys* sp.) ou bambu verde e amarelo (*Bambusa vulgaris* Schrad. ex J.C.Wendl), penas e cipós..

Além do artesanato, outra atividade em destaque é a produção de mudas de palmito juçara para fins de reflorestamento da mata e a comercialização de mudas de outras espécies como a pupunheira e açaizeiro, bem como e de plantas ornamentais, como bromélias

Na agricultura, os membros da comunidade ainda fazem uso do calendário Guarani Mbyá, que rege todas as atividades conforme o ciclo lunar e observação da natureza, o que ainda faz manter aspectos tradicionais.

A comunidade está em processo de resgate do manejo tradicional de cultivo dentro da Aldeia Indígena Ribeirão Silveira, incentivando o preparo de roças coletivas.

A pesca apresenta importância essencial no modo de vida guarani. Atualmente é realizada por meio do uso de anzol e linha, como herança da convivência com o não-indígena (*jurua*). A pesca não é permitida durante o período de inverno (*Ara yma*), pois, segundo os entrevistados, é a época de reprodução. Outra proibição apontada é a pesca com a utilização de veneno (*timbó*), costume tradicional que capturava peixes além da quantidade necessária para consumo, além de fêmeas e filhotes.

A prática de coleta de recursos naturais revela um profundo conhecimento tradicional de reconhecimento do ambiente, como também das espécies. Para a coleta dos recursos, também respeitam o proposto pelo calendário tradicional da etnia.

A prática da criação de animais, como galinhas nos quintais e terreiros nos arredores das residências é frequente, e, com objetivo expresso para alimentação, também sendo uma prática adotada em virtude com a convivência com o não-indígena "*jurua*". A criação de peixes em tanques de piscicultura foi implementada por esferas governamentais, com intenção apontada pelas lideranças religiosas em reativar o manejo com piscicultura em tanques.

As citações de recursos naturais para fins medicinais e religioso, tiveram um percentual baixo de citações, pelo uso ser restrito somente aos pajés. Somente os pajés da Aldeia Ribeirão Silveira citaram recursos nas respectivas categorias.

Mudanças culturais graduais foram registradas como o dialeto, hábitos alimentares, práticas tradicionais de pesca e manejo de recursos naturais. Há indicadores de diluição da cultura tradicional e incorporação da cultura urbana, numa velocidade relativamente alta comparada entre as três faixas etárias de entrevistados, a medida que práticas como a caça, pesca e agricultura, deixam de ser praticadas entre os entrevistados mais jovens da comunidade. Mudanças estas, acarretando influências na perpetuação da cultura Guarani Mbyá.

Os resultados aqui apresentados preconizam a relevância do conhecimento tradicional da comunidade Guarani Mbyá da Aldeia Indígena Ribeirão Silveira, evidenciando a importância de tais saberes em levantamentos da biodiversidade, mapeamentos territoriais, ações de proteção biocultural colaborativas, manejo e conservação das espécies, visando, sobretudo, a manutenção do patrimônio da população tradicional, reprodução cultural, enfim, seu modo de vida.

O resgate do patrimônio cultural e registro sobre o uso e manejo de recursos naturais é importante para a valorização e propagação do conhecimento local para a comunidade Guarani Mbyá e para a sociedade. Os resultados e discussões aqui apresentados, demonstram a importância dos conhecimentos preconizados pela comunidade da Aldeia Indígena Ribeirão Silveira na conservação cultural e da biodiversidade no contexto da Serra do Mar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de sua trajetória na área da Reserva Indígena Ribeirão Silveira, os Guarani Mbyá vêm intervindo e utilizando a floresta com finalidades diversas, como caça, manejo e coleta de recursos naturais, agricultura, moradia. Essa relação com a floresta a transforma, e, dessa forma, influi na cultura Guarani Mbyá, haja vista que diversos aspectos do seu modo de vida estão interligados com o entorno natural. A escolha da terra (*tekoá*), o uso do ambiente e de seus recursos para a subsistência e o reconhecimento do entorno como mantenedor da cultura e saúde física/espiritual, importantes para sobrevivência dos habitantes da Aldeia Indígena Ribeirão Silveira e do ambiente para as gerações futuras.

As turnês guiadas indicaram um alinhamento de fatores cognitivos e científicos, servindo como ferramenta importante para o fortalecimento e valorização cultural do conhecimento indígena. A indicação das espécies e locais de importância histórica e cultural também foi destacada, o que pode aproximar os conhecimentos científicos às demandas da comunidade;

Como parte da proposta inicial e tratados com as lideranças indígenas da Aldeia Indígena Ribeirão Silveira, a comunidade será envolvida no processo de elaboração de um material de devolutiva da pesquisa, com apresentação e discussões de propostas e produto final. Esses materiais, inclusive, poderão ser utilizados nas demandas locais para uso pelas lideranças indígenas, escolas e projetos de pesquisa acadêmicos, contribuindo para a permanência dos conhecimentos indígenas acerca dos recursos naturais da comunidade da Aldeia Indígena Ribeirão Silveira, onde esses saberes serão compartilhados.

Há necessidade de outras pesquisas na Aldeia Indígena Ribeirão Silveira, com enfoque a cultura, recursos naturais e uso da paisagem. Tais investigações podem incluir o aprofundamento acerca do conhecimento sobre as espécies nativas, a importância de elementos da fauna e as práticas de manejo (piscicultura, apicultura de abelhas sem ferrão e agricultura de sementes crioulas), como também, a criação de um polo cultural com apoio da academia, tornando-se subsídios para estratégias locais e alianças para gestão e manejo dos recursos e ambientes, assim como para a conservação ambiental aliada às necessidades das comunidades.

Ainda, tais pesquisas devem vincular o conhecimento tradicional do povo Guarani Mbyá da Aldeia Indígena Ribeirão Silveira com ações práticas, visando à segurança alimentar e perpetuação da cultura, que, segundo as lideranças indígenas, são provavelmente as maiores demandas da comunidade atualmente, devendo entretanto, estar em consonância à proteção dos conhecimentos tradicionais indígenas.

VERSÃO COMPACTA

ÑANDE REKÓ: Um diálogo entre o conhecimento tradicional e o uso de recursos naturais pelos Guarani Mbyá, na Reserva indígena Ribeirão Silveira em Bertiooga – SP.

Jaqueline Cabral Alves¹, Milena Ramires^{1,2}.

1 Mestrado em Ecologia, Universidade Santa Cecília - Programa de Pós-Graduação em Sustentabilidade de Ecossistemas Marinhos e Costeiros da Universidade Santa Cecília.

2 Laboratório de Ecologia Humana - FIFO - Fisheries and Food Institute.

Universidade Santa Cecília, Rua Oswaldo Cruz, 277 – Santos/SP – CEP 11045-907

Email: jaqueline.cabral@uol.com.br

Resumo: Dados e informações advindas da Etnoecologia podem fornecer bases para a compreensão das interrelações entre humanos e ambiente. Além da propagação cultural dentre gerações, muitos saberes, conhecimentos e fazeres aprimoram-se em uma mesma gênese, por meio de interações cotidianas com a natureza. O presente estudo buscou investigar, o uso de recursos naturais e o conhecimento tradicional da comunidade indígena Guarani-Mbyá, por meio de entrevistas semiestruturadas com moradores de ambos os gêneros e maiores de idade da Aldeia Ribeirão Silveira. Foram entrevistados 326 adultos, o que corresponde a 59,2% da população adulta da aldeia. As principais produtivas são o comércio de artesanatos (98,8%) seguido do comércio de palmito e suas mudas (96%). Algumas práticas tradicionais Guarani Mbyá sofreram alterações, como a pesca com a utilização de veneno (timbó), apontada por 96,3%, e o consumo de mel em virtude da diminuição da presença de abelhas nativas (68,3%). A influência do não-indígena “juruá” também gerou alterações no modo de vida Guarani Mbyá. Segundo os entrevistados (69,5%), muitas palavras e até mesmo o próprio dialeto está caindo em desuso, a compra de alimentos industrializados e tradições como a caça e o ritual da confecção de arco e flecha estão sendo cada vez menos perpetuados entre as gerações mais novas. Verificar as interações ecológicas da Comunidade Guarani Mbyá com o ambiente, permite estudos e pesquisas acerca da conservação da biodiversidade, por meio do manejo e extração sustentável dos recursos naturais.

Palavras-chave: Ecologia Humana. Etnoecologia. Indígenas. Biodiversidade. Conhecimento tradicional.

ÑANDE REKÓ: A dialogue between traditional knowledge and the use of natural resources by the Guarani Mbyá, in the Silveira's River Indigenous Reserve in Bertiooga - SP.

Abstract: Data and information from Ethnoecology can provide a basis for understanding the interrelationships between humans and the environment. In addition to the cultural propagation of generations, many knowledges, knowledge and practices are improved in the same genesis, through daily interactions with nature. The present study sought to investigate the use of natural resources and the traditional knowledge of the Guarani-Mbyá indigenous community, through semi-structured interviews with residents of both genders and adults of Ribeirão Silveira Village. 326 adults were interviewed, corresponding to 59.2% of the adult population in the village. The main production is the trade of handicrafts (98.8%) followed by the trade of palm heart and its seedlings (96%). Some traditional Guarani Mbyá practices have undergone alterations, such as fishing with the use of poison (*timbó*), indicated by 96.3%, and honey consumption due to the reduction of the presence of native bees (68.3%). The influence of the non-indigenous “juruá” also generated changes in the Guarani Mbyá way of life. According to the interviewees (69.5%), many words and even the dialect itself is falling into disuse, the purchase of industrialized foods and traditions such as hunting and the ritual of making archery are becoming less and less perpetuated between the generations. To verify the ecological interactions of the Guarani Mbyá Community with the environment, allows studies and research on the conservation of biodiversity, through the management and sustainable extraction of natural resources.

Keywords: Human Ecology. Ethnoecology. Indigenous. Biodiversity. Traditional knowledge.

Introdução

Compreender que as populações humanas estão intrinsicamente relacionadas ao ecossistema é de incomensurável importância no que tange à conservação. Logo, essa concepção revela informações importantes sobre o uso de recursos naturais por comunidades tradicionais e a manutenção da biodiversidade [1].

As comunidades tradicionais, além de conviverem com a biodiversidade, atribuem nomes e classificações próprias das espécies. Dessa forma, a cultura permite às populações, compreender a biodiversidade, manipular, representar, extrair e enriquece-la frequentemente [2].

A utilização e manipulação de elementos da natureza são realizadas pela humanidade em distintas comunidades tradicionais. Ecossistemas foram transformados, plantas e animais foram realocados por interferência humana e recursos diversos foram e continuam sendo extraídos e consumidos para subsistência. Distintos grupos humanos, assim como os indígenas, dispõem um vasto etnoconhecimento, preservando assim, a diversidade biológica, bem como, seu patrimônio cultural [3, 4].

Resgatar e valorizar os saberes tradicionais indígenas contribui com a ciência moderna na compreensão das formas utilizadas para manejar os recursos naturais disponíveis em seu ambiente, como sementes, solo, vegetação, entre outros [5]. Por fim, justificando os objetivos da pesquisa e outros elementos necessários para apresentar o tema do trabalho, esta pesquisa tem como objetivo analisar o uso de recursos naturais e o conhecimento tradicional da comunidade indígena Guarani Mbyá da Aldeia Ribeirão Silveira (Bertioga/SP), tendo como objetivos específicos, realizar a caracterização das práticas e atividades produtivas exploradoras de recursos naturais da comunidade indígena Guarani Mbyá, Identificar as espécies exploradas, bem como, as finalidades de uso e o manejo realizados e identificar o conhecimento tradicional associado as principais espécies utilizadas.

Material e métodos

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com moradores de ambos os gêneros e maiores de idade da Aldeia Ribeirão Silveira, com o auxílio de roteiros pré estabelecidos. Para a definição dos entrevistados, foi aplicada a técnica do “Bola de Neve”, onde um entrevistado culturalmente competente recomenda outro de competência similar, repetindo-se o processo a partir dos novos incluídos, até que os novos indicados sejam pessoas já entrevistadas [6].

Por fim, para complementar o levantamento obtido com as entrevistas e melhor compreender a dinâmica da comunidade, realizou-se a observação participante durante todo o trabalho, permitindo a familiarização com os costumes e modo de vida da etnia estudada [7], onde pudemos acompanhar o processo de extração do palmito pupunha, a comercialização de artesanatos, e a rotina de trabalho no viveiro de mudas, bem como o registro em diário de campo para informações adicionais [8].

Resultados

Os Guarani Mbyá da Aldeia Indígena Ribeirão Silveira entendem por atividades produtivas os atos de plantar, semear o que a família deseja plantar, a realização de roças comunitárias, conforme os interesses coletivos da comunidade ou individuais em sistema de mutirões, confeccionar artesanato, caçar e pescar

(Figura 1).

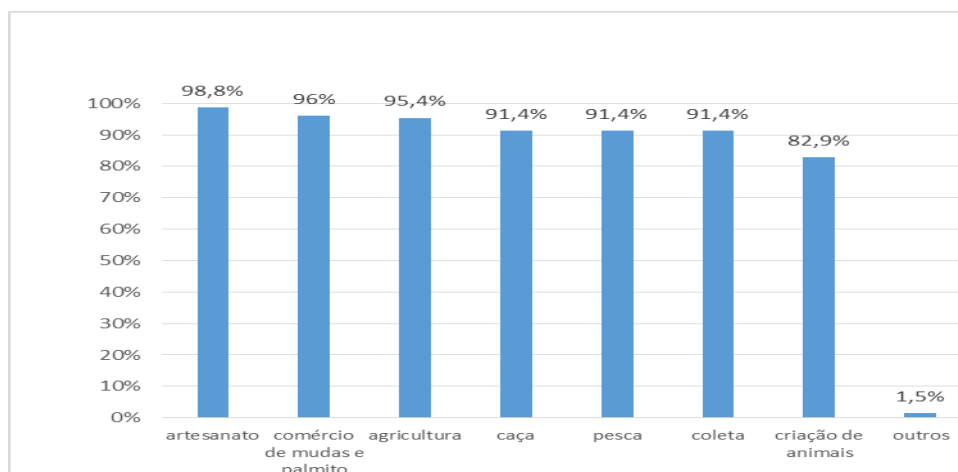


Figura 1: Principais atividades desenvolvidas pelos entrevistados na Aldeia Ribeirão Silveira, Bertioga (SP).

As principais atividades desenvolvidas são a produção de artesanatos, mudas de bromélias e palmito. Na categoria outros, enquadram-se os entrevistados que possuem nível superior, atuam como professores na escola municipal de ensino fundamental Nhembo ‘e’ a Porã, localizada dentro da comunidade, como também, famílias que recebem subsídios do governo. Atividades como a caça e criação de animais, pesca e coleta, também são realizadas pela população (Figura 1).

O uso de recursos da mata como sementes, frutos, minerais, folhas, raízes dentre outros, com finalidades variadas é uma prática relatada pelos entrevistados da Aldeia Indígena Ribeirão Silveira. Os principais recursos obtidos da mata, na tradição desta população, segundo os entrevistados são as sementes de lágrima de nossa senhora (*Coix lacryma-jobi* L.) (98,9%), penas de aves (98,9%) e palmito pupunha (*Bactris gasipaes* Kunth) (97,5%). A categoria de uso com obtenção do maior índice de citações foi o artesanato, com o percentual de 98%.

As citações de usos medicinal e religioso, tiveram um percentual baixo igualmente, com média de 1,5% nas duas categorias, pelo uso ser restrito somente aos pajés. Somente os pajés da Aldeia Ribeirão Silveira citaram recursos nas respectivas categorias. Segundo os participantes da pesquisa, somente as lideranças religiosas detém tal conhecimento, e estão autorizadas a recomendar seus usos (Figura 2).

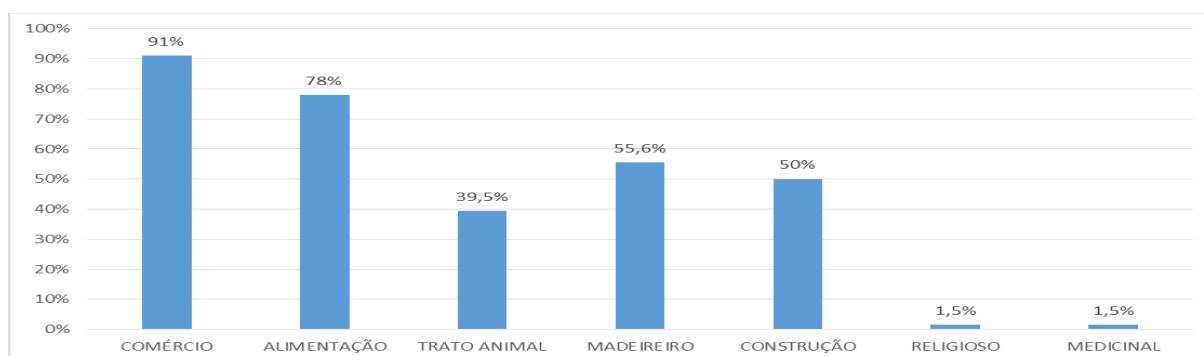


Figura 2: Usos dos recursos naturais citados pelos entrevistados Guarani Mbyá e classificados conforme categoria de uso.

A influência do não-indígena “*juruá*” é um fator crucial na mudança do modo de vida Guarani Mbyá. Segundo os entrevistados (69,5%), muitas palavras e até mesmo o próprio dialeto está caindo em desuso (Figura 3). Os entrevistados mais novos, na faixa dos 18 aos 35 anos, alegam não utilizar no cotidiano, algumas palavras que seus pais ou familiares mais velhos utilizam, com a justificativa de não entender ou não precisar mais. Os entrevistados mais velhos também percebem a mudança no dialeto dos moradores mais jovens e a incorporação cada vez mais constante de palavras juruá no cotidiano.

Outro ponto da influência *juruá* nos costumes tradicionais é a compra de alimentos industrializados. Com isso, tradições como a caça e, acima de tudo, o ritual da confecção de arco e flecha estão sendo cada vez menos perpetuados. Os entrevistados mais velhos relatam que os mais novos não demonstram interesse no aprendizado das tradições.

Discussão

O panorama apresentado na presente pesquisa com os indígenas Guarani Mbyá da Aldeia Indígena Ribeirão Silveira, já foi apontado por comunidades Guarani Mbyá no Rio Grande do Sul. Conforme Cossio, 2015 [9], o sustento está longe de restringir-se à floresta, abrangendo ocupações variadas como vendas de produtos variados, trabalho remunerado e locais de venda de artesanato nas cidades e seus mercados. Leff, 2011 [10], aponta a vontade apresentada por comunidades indígenas pelo resgate de tradições, línguas e costumes em consonância com a revalorização de seu patrimônio de recursos naturais e culturais. Procuram dessa forma, restaurar o ambiente que habitam, apropriando-se do seu potencial produtivo e melhorando sua qualidade de vida e condições de existência, definidas por seus valores identidades cultural. Os estudos de Badie, 2015 [11], revelam mudanças no modo de vida tradicional Guarani Mbyá entre os indígenas da província de Misiones. Os ancestrais das aldeias, apontaram também que muitas práticas e rituais tradicionais, como os ritos de iniciação à vida adulta, já não eram mais realizados devido às mudanças no *nhandereko* ou modo de vida, a partir do contato permanente com a sociedade ocidental.

Conclusões

Os saberes tradicionais de comunidades como a Guarani Mbyá da Aldeia Indígena Ribeirão Silveira, à medida que são associados aos saberes científicos, podem oferecer subsídios importantes para o manejo e conservação dos recursos naturais. Sendo assim, este trabalho consegue, de maneira indireta, oportunizar benefícios à população ao passo que se propõe identificar mecanismos de apropriação e aplicabilidade do conhecimento da biodiversidade em prol da conservação dos recursos disponíveis para estas populações.

O artesanato é uma das principais atividades geradoras de renda, e para a atividade, foram citadas quatro espécies dentre os entrevistados, sendo que, todas não-cultivadas, no caso, lágrima-de-nossa-senhora (sementes) (*Coix lacryma-jobi* L.), taquara (*Merostachys* sp.) ou bambu verde e amarelo (*Bambusa vulgaris* Schrad. ex J.C.Wendl), penas e cipós. Outra atividade em destaque é a produção de mudas de palmito juçara para fins de reflorestamento da mata e a comercialização de mudas de outras espécies como a pupunheira e açaizeiro, bem como e de plantas ornamentais, como bromélias. Na

agricultura, os membros da comunidade ainda fazem uso do calendário Guarani Mbyá, que rege todas as atividades conforme o ciclo lunar e observação da natureza, o que ainda faz manter aspectos tradicionais.

Mudanças culturais graduais foram registradas como o dialeto, hábitos alimentares, práticas tradicionais de pesca e manejo de recursos naturais. Há indicadores de diluição da cultura tradicional e incorporação da cultura urbana, numa velocidade relativamente alta comparada entre as três faixas etárias de entrevistados, a medida que práticas como a caça, pesca e agricultura, deixam de ser praticadas entre os entrevistados mais jovens da comunidade, acarretando influências na perpetuação da cultura Guarani Mbyá.

Referências

1. BEGOSSI, A. Ecologia humana: um enfoque as relações homem-ambiente. Interciência. Vol 18(3): 121-132, 2013.
2. ARRUDA, R. S. V.; DIEGUES, A. C. Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil. Brasília/São Paulo: Ministério do Meio Ambiente/USP, 2001. p. 62-77
3. TOLEDO, V. M; BARRERA-BASSOLS, N. A. Etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. In SILVA, V. A.; Almeida, A. L. S.; Albuquerque, U. P. (org.) Etnobiologia e Etnoecologia: Pessoas e Natureza na América Latina. Recife: NUPEEA, 2010. p.4-12
4. ANDERSON, E. N. Etnobiologia: visão geral de um campo em crescimento. In ANDERSON, E. N.; PEARSALL, D. M.; HUNN, E. S.; TURNER, N. J. (eds.). Etnobiologia. Willey-Blackwell, 2011. p. 47-53
5. KRIEGEL, R; AZEVEDO, E; SILVA, F. Relação do grupo indígena Guarani Mbyá com o meio ambiente: alicerces da agroecologia. Revista em Agronegócios e Meio Ambiente, v.7, n.1, p. 211-226, jan. 2014.
6. BIERNACKI, P. & WALDORF, D. Snowball sampling-problems and techniques of chain referral sampling. Sociological Methods and Research, v. 10 pág.141-163. 1981.
7. MALINOWSKI, B. Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p.424.
8. ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P. 2004. Métodos e técnicas para a coleta de dados. p. 37-62. In: U.P. Albuquerque & R.F.P. Lucena (orgs.). Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica. Recife, Editora Livro Rápido/NUPEEA.
9. COSSIO, R. R. Circulação de pessoas e plantas Mbyá Guarani entre Brasil e Argentina. UFRGS, 2015. p.65-79
10. LEFF, E. 2001. Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Trad. Orth, L.M.E. Petrópolis, RJ, Vozes. p.343.
11. BADIE, M. C. Rituais de iniciação e relações com a natureza entre os Guarani Mbyá. Maná, v21, 2015. p.9-13

REFERÊNCIAS

- ABRAÃO, M. B.; BANIWA, J. C.; NELSON, B.; ANDRELLO, G.; SHEPARD JR., G. H. **Habitat Baniwa e a classificação nas florestas campinarana de areia branca do Noroeste Amazônico.** In: HUNN, E.; JOHNSON, L. M.; MEILLEUR, B. (Orgs.). *Etnoecologia da paisagem: conceitos de espaço biótico e físico.* Tucson: Universidade do Arizona, 2008. (Estudos em Antropologia Ambiental e Etnobiologia, v. 14). p. 83-115.
- ALBUQUERQUE, U.P. 2005. **Etnobiologia e Biodiversidade.** Recife, NUPEEA/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia. p. 34-57
- AZEVEDO, M.M.A. **População indígena: mobilidade espacial.** - Campinas: Núcleo de Estudos de População - Nepo/Unicamp, 2013. p. 22-31
- ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P. 2004. **Métodos e técnicas para a coleta de dados.** p. 37-62. In: U.P. Albuquerque & R.F.P. Lucena (orgs.). *Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica.* Recife, Editora Livro Rápido/NUPEEA.
- ALLUT, A. G. **O conhecimento dos especialistas e seu papel no desenho de novas políticas pesqueiras.** In: DIEGUES, A. C. (Org.). *Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos.* São Paulo: HUCITEC, NUPAUB-USP, 2001. p. 28-49
- ANDERSON, E. N. **Etnobiologia: visão geral de um campo em crescimento.** In ANDERSON, E. N.; PEARSALL, D. M.; HUNN, E. S.; TURNER, N. J. (eds.). *Etnobiologia.* Willey-Blackwell, 2011. p. 47-53
- ARRUDA, R. S. V. **Populações tradicionais e a proteção dos recursos naturais.** *Ambiente & Sociedade*, v. 2, n. 5, p. 79-93, 1999.
- ARRUDA, R. S. V. **“Populações tradicionais” e a proteção dos recursos naturais em Unidades de Conservação.** In: DIEGUES, A. C. (Org.). *Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos.* 2. ed. São Paulo: Hucitec e NUPAUB, p. 273-290, 2000.
- ARRUDA, R. S. V.; DIEGUES, A. C. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil.** Brasília/São Paulo: Ministério do Meio Ambiente/USP, 2001. p. 62-77

ASSIS, V. S. D. **Mercadoria e pessoa: as trocas na constituição do mundo social mbyá-guarani.** 2006. p.37-44

AUZANI, S. C. S. **Modo de vida Guarani Mbyá e segurança alimentar: reflexões sobre a área indígena Araça-í em Piraquara / PR.** Espaço Ameríndio, v2. Porto Alegre, 2008. p. 12-21

BADIE, M. C. **Rituais de iniciação e relações com a natureza entre os Guarani Mbyá.** Maná, v21, 2015. p.9-13

BALÉE, W. **Impressões da floresta: Etnobotânica Ka'apor – a histórica de utilização ecológica das plantas pelo povo da Amazônia.** Universidade de Columbia, 1999. p.89-98

BECQUELIN, A. **Temps du récit, temps de l'oubli.** In: **La mémoire de la tradition.** Paris: Société d'Ethnologie, p. 21- 50, 1992.

BEGOSSI, A. **Ecologia humana: um enfoque as relações homem-ambiente.** Interciência. Vol 18(3): 121-132, 2013.

BERKES, F. **Ecologia sacra: Conhecimento Ecológico Tradicional e Gestão de Recursos.** Taylor & Francis, 2000. p.38-49

BIERNACKI, P. & WALDORF, D. **Snowball sampling-problems and techniques of chain referral sampling.** Sociological Methods and Research, v. 10 pág.141-163. 1981.

BOFF, L. **Princípio-Terra: volta à Terra como pátria comum.** São Paulo: Ática, 1995. p.19-23

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra.** Petrópolis: Vozes, 1999. p.31-34

BONAMIGO, Z. M. B. **A economia dos mbya-guaranis: troca entre homens e entre deuses e homens na ilha da Cotinga em Paranaguá-PR.** Curitiba: 2006. Setor de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. p.15-43

BORGES, R. PEIXOTO, A. L. **Conhecimento e uso de plantas em uma comunidade caiçara do litoral sul do Estado do Rio de Janeiro, Brasil.** Acta bot. bras. 23(3): 769-779. 2009.

BRASIL. **Lei nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973.** Dispõe sobre o Estatuto do Índio. Casa Civil. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6001.htm> Acesso em 04 de outubro de 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Capítulo VIII, dos índios. Casa Civil. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em 04 de outubro de 2017.

CARTA, Ecopedagogia da. **Em defesa de uma Pedagogia da Terra.** Disponível em: <<http://www.paulofreire.org>>.

CARTA, **Terra da.** Organização das Nações Unidas, 2002. Disponível em: <<http://www.paulofreire.org>>.

CARVALHO, Jr. **O conhecimento etnoecológico dos pescadores yudjá, Terra Indígena Paquicamba.** Volta Grande do Rio Xingu, PA: Tellus, 2011. p.23-28

CESARIO, M. **Saúde, Meio Ambiente e Desenvolvimento.** João Pessoa: Ideia; Rio Branco: EDUFAC, 2004. p.54-61

CHAMORRO, G. 2008. **Terra Madura, Yvy Araguayje: fundamentos da palavra guarani.** Dourados: Editora UFGD. p.39-47

CHEROBIM, M. **Os índios Guarani do litoral do Estado de São Paulo: análise antropológica de uma situação de contato.** São Paulo: FFLCH/USP (coleção Antropologia, 12). 1986. p.20-27

COZER, S. R. **Diagnóstico Ambiental e socioeconômico da Bacia Arroio Ouro Verde.** UDC-Centro Universitário Dinâmica das Cataratas, Foz do Iguaçu, PR. 63. 2010. p.46-53

COSSIO, R. R. **Circulação de pessoas e plantas Mbyá Guarani entre Brasil e Argentina.** UFRGS, 2015. p.65-79

CROVETTO, R. 1968. **Introducion a la etnobotanica aborigen del nordeste argentino.** Etnobiologia, nº 11. p.123-137

CROVETTO, R. **La alimentación entre los índios guaraníes de misiones (Republica Argentina).** Etnobiologica, Corrientes, n. 4, p. 1-24, fev. 1968. CUNHA, L. H. de O. **Comunidades litorâneas e Unidades de Proteção Ambiental: convivência e conflitos; o caso de Guaraqueçaba (Paraná).** Estudo de Caso n2.

PPCAUB/ Pró-Reitoria de Pesquisa da USP/F. FORD/IUCN, São Paulo, 1989. p. 78-89

CUNHA, L. H. de O. **Reserva extrativista para regiões de mangue: uma proposta preliminar para o estuário de Mamanguape, Paraíba.** São Paulo, Programa de Pesquisa e Conservação de Áreas Úmidas no Brasil. Pró-Reitoria/USP, 1992. p.34-38

CUNHA, M. C. **Populações tradicionais e a Convenção da Diversidade Biológica.** Revista de Estudos Avançados, n. 13, p. 147-163, 1999.

DESCOLLA, P. **Ecologia e Cosmologia.** In Edna Castro e Florence Pinton., Faces do Trópico Úmido, Edit. Cejup, Belem. 1997. p.27-48

DIAS, G. F. **Educação Ambiental - Princípios e Práticas.** 8ªed. São Paulo: Gaia, 2003. p.12-18

DIAS, G. F. **Atividades Interdisciplinares de Educação Ambiental: Práticas Inovadoras de Educação Ambiental.** 2. ed. São Paulo: Gaia, 2006. p.23-25

DIAS, T. C. A. C. **Unidades de conservação brasileiras: investimentos, custos de manejo e potencialidades econômicas.** Universidade Federal do Amapá, UNIFAP, 2013. p.19-28

DOU, **Portaria nº 826 de 24 de agosto de 2000.** Revisão das Terras Indígenas Rio Silveira. Diário Oficial da União, nº3, 2003. Disponível em< http://guarani.map.as/media/2002_RCI_revisao_ribeiraosilveira.pdf> acesso em 01 de outubro de 2017.

DIEGUES, A. C. **A etnoconservação da natureza. Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos.** 2. ed. São Paulo: Hucitec e NUPAUB, p. 1-46, 2000.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada.** São Paulo: NUPAUB - Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras – USP/Hucitec, 2008. p.11-17

DYBALL, R. **Ecologia humana como pesquisa transdisciplinar aberta**. In BROWN, V.; HARRIS, J.; RUSSELL, J. *Enfrentar as dificuldades: Através da imaginação transdisciplinar*, Londres: Earthscan, 2010. p.16-27

ELLEN, R. **Indigenous Knowledge of Rainforest: Perception, Extraction and Conservation**. University of Kent at Canterbury, 1997, s/p. p.7-11

FELIPIIM, A.P. **O Sistema agrícola Guarani Mbyá e seus cultivares de milho: Um Estudo de caso na aldeia da ilha do Cardoso, município de Cananéia, São Paulo**. ESALQ, Piracicaba, 2001. p.78-136

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008. p.9-12

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000. p.13

FUNAI, Fundação Nacional do Índio. Disponível em: < <http://www.funai.gov.br/>>.

GADGIL, M.; BERKES, F.; FOLKE, C. **O conhecimento indígena para conservação da biodiversidade**. AMBIO, v. 22, n. 2-3, p.151-156, 1993.

GADOTTI, M. **Educar para a Sustentabilidade. Uma contribuição à Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável**. 2ª ed. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2012. p.23

GADOTTI, M. **Pedagogia da Terra**. 5ªed. São Paulo: Petrópolis, 2000. p.19

GIORDANI, R. C. F. **Comportamento alimentar entre os Guarani: Cultura e Alimentação**. Curitiba, 2012. UFP. p.32-55

GODOY, M. G. G.; VIÉGAS, R.F.; NINA, V. C. L. **Nossas sabedorias sagradas**. São Paulo: Terceira Margem, 2015. p.3-23

GUIMARÃES, M. **A formação de educadores ambientais**. Campinas, SP: Papirus, 2004. p.8

GUIMARÃES, M. **A dimensão ambiental na educação**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1995. p.16

HANAZAKI, N.; TAMASHIRO, J. Y.; LEITÃO-FILHO, H. F.; BEGOSSI, A. 2000. **Diversity of plant uses in two Caiçara communities from the Atlantic Forest coast, Brazil.** Biodiversity and Conservation. p.597-615

KRIEGLER, R; AZEVEDO, E; SILVA, F. **Relação do grupo indígena Guarani Mbyá com o meio ambiente: alicerces da agroecologia.** Revista em Agronegócios e Meio Ambiente, v.7, n.1, p. 211-226, jan. 2014.

LADEIRA, M.I.; AZANHA, G. **Os índios da Serra do Mar: a presença Mbyá-Guarani em São Paulo.** 1.ed. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista/ Nova Stella Editorial, 1988. p.69.

LADEIRA, M. I. **“O caminhar sob a luz”- o território Mbyá à beira do Oceano.** São Paulo, 1992. p.199. Dissertação (MS) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

LADEIRA, M. I. **Necessidades de novas políticas para o reconhecimento do território Guarani.** /Apresentado ao 49. Congresso Internacional de Americanistas, Quito, 1997. p. 24-31

LADEIRA, M. I. **Terras Guarani do litoral.** São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista – CTI, 1999. p. 8.

LADEIRA, M. I. **Yvy marãey. Renovar o eterno.** In: MELIÁ, B. (Org). Suplemento Antropológico, p.81-100, 2000.

LADEIRA, M. I. **Espaço geográfico Guarani-Mbyá: significado, constituição e uso.** São Paulo, 2001. 236p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. p.134-156

LADEIRA, M. I. **O caminhar sob a luz: o território mbya à beira do oceano.** São Paulo: UNESP, 2007. p.32-51

LADEIRA, M. I. **Espaço Geográfico Guarani-Mbya: significado, constituição e uso.** Maringá/Paraná: Eduem; São Paulo: EDUSP, 2008. p.22-47

LADEIRA, M. I.; MATTA, Priscila. **Terras guarani no litoral: as matas que foram reveladas aos nossos antigos avós.** Ka’a güy oreramói kúery ojou rive vaekue ÿ. São Paulo: CTI, 2004. p. 78-91

LAWRENCE, R. R. **Ecologia Humana**. In TOLBA, M. K., ed. – Nosso frágil mundo. Oxford: Eolss, 2001, pp 675-695 (vol. I)

LEFF, E. 2001. **Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Trad. Orth, L.M.E. Petrópolis, RJ, Vozes. p.343.

LENCLUD, G. **O que é a tradição? Transcrição das mitologias**. Paris: Albin Miche, p. 25-43, 1994.

MACHADO, P. A. **Ecologia Humana, Conceitos e Oportunidades**. In. Anais da 2ª. Jornada Brasileira de Ecologia Humana. Campinas: UNICAMP, 1981. p.36

MACHADO, J. S. **Caminhos e Paradas. Perspectivas sobre o território Laklãnõ (Xokleng)**. R. Mus. Arq. Etn., 27: p.179-196, 2016

MALINOWSKI, B. **Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p.424.

MARQUES, J. **Pescando pescadores: ciência e etnociência em uma perspectiva ecológica**. 2. ed. São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, 2001. 197-224

MARQUES, J. **Povos, comunidades tradicionais e meio ambiente**. In Revista Ouricuri. Volume 1, Número 1. Salvador: EDUNEB, 2009. Disponível em<<https://sites.google.com/a/nectas.org/revistaouricuri/edicoes---anteriores/vol1>> acesso em 08 de março de 2016.

MARQUES, J. **Ecologia da Alma**. Petrolina: Franciscana, 2012. p.45-43

MELLO, M. M. **Mutações de olhar: as vias de diálogo entre o campo e o arquivo**. Revista Sociedade e Cultura, v. 11, n. 1, p. 41-49, 2008.

MILLER, M.R., SHARP, D.E., GILMER, D.S., MULVANEY, W.R. 1989. **Disponibilidade de arroz para aves aquáticas em campos no Vale Sacramento, Califórnia**. California Fish and Game 75: p.113–123.

MORAES, A. C. R. **Bases da formação territorial do Brasil**. São Paulo, Ed. Hucitec. 2000. p.5

MORAN, E. F. **A ecologia humana das populações da Amazônia**. Petrópolis: Vozes, 1990. p.365.

OLIVIER, G. A. **Ecologia Humana**. Lisboa: Interciência, 1979. p.23-27

OURIQUES JÚNIOR, A. **A tradição da caça entre um grupo Guarani Mbyá**. UFSC, 2014. p.46-74

PEREIRA, V. C. **Nosso pai: relações de maestria entre os Guarani Mbyá**. Mana, Rio de Janeiro , v. 22, n. 3, p. 737-764, dez. 2016 .

PERONI, N.; ARAUJO, H. F. P.; HANAZAKI, N. **Métodos ecológicos na investigação etnobotânica e etnobiológica: o uso de medidas de diversidade e estimadores de riqueza**. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. (Orgs). Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica. Recife: NUPEEA, 2008. p. 199-225.

PIERRE, D. C. **Corporalidade no pensamento Guarani Mbyá**. USP, 2013.134-159

PNGATI, **Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas**. Disponível em: <<http://cggamgati.funai.gov.br/>> acesso em 08 de junho de 2016.

POSEY, D. A. **Manejo da floresta secundária; capoeira, campos e cerrados (Kayapo)**. In: RIBEIRO, B. G. (Org.). Suma Etnológica Brasileira. Volume 1: Etnobiologia. Petrópolis: Vozes, p. 173-185, 1987.

RAMOS, A. **Indigenism: ethnic politics in Brazil**. Madison: The University of Wisconsin Press, 1998. p.183-186

REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 1995. p.67-69

REVEL, N. **Literatura da voz**. Quezon City, 2005. p.12

ROSSATO, S. C. **An ethnobotany of Caiçaras of the Atlantic Forest coast (Brazil)**. Economic Botany, v. 53, n. 4, p. 387-395, 1999.

SCHADEN, E. **Aspectos fundamentais da cultura guarani**. São Paulo: Difusão européia do livro, 1962, p. 13.

SCHIMIDT, W. **Agricultura orgânica entre a ética e o mercado?** In. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável. Porto alegre – RS, v. 2, n. 1, jan/mai, 2001. p.2-9

SANTOS NEVES, K. M. **Percepções etnográficas de uma artesã na comunidade Mbyá-Guarani de Yriapú.** UNILA, Foz do Iguaçu, 2016. p.36-45

SESAI. **Secretaria especial de saúde indígena.** Disponível em <<http://www.saude.gov.br/sesai>> acesso em 08 de novembro de 2016.

SIASI. **Sistema de informação da atenção à saúde indígena.** Disponível em<<http://sis.funasa.gov.br/siasi/>> acesso em 08 de novembro de 2016.

SILVA, V.A; ANDRADE, L.H.C. **Etnobotânica Xucuru: espécies místicas.** Biotemas 15: p. 45-57. 2002.

SILVA, D. M.; GODOY, M. G. G. **Terra Sem Males: utopia e realidade nos discursos do mborai (cantos) Guarani Mbya.** Arte e Cultura da America Latina, v. XXXI, p. 15-30, 2014.

SILVA, M. C. G. da. **O papel da mulher na identidade alimentar mbyá-guarani: a aldeia V'ya – Major Gercino (SC).** Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 131-154, jul./dez. 2015.

SILVANO, R. A. M. **Etnoecologia e história natural de peixes no atlântico (Ilha dos Búzios, Brasil) e pacífico (Moreton Bay, Austrália).** Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001. p.190

SOCIOAMBIENTAL, Instituto. **Guarani Mbya - Povos Indígenas no Brasil.** Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-mbya>>.

SOUZA, A. H. C; LIMA, A. M. A; MELLO, M. A. A; OLIVEIRA, E. R. **A relação dos indígenas com a natureza como contribuição à sustentabilidade ambiental: uma revisão de literatura.** Revista Destaques Acadêmicos, Vol. 7, N. 2, 2015 - CCHS/UNIVATES. p.2-7

STEINER, D; NAUSER, M. **Ecologia Humana - Fragmentos de pontos de vista ao redor do mundo.** Routledge, Londres, 1993. p.43-76

TEMPASS, M. C. **As pescarias dos Mbyá-Guarani: aspectos práticos e simbólicos.** UFAL. 2015. p.3-17

TOLEDO, V. M. **O que é etnoecologia? Origem, o alcance e as implicações de uma nova disciplina.** Etnoecológica 1 (1): p.5-21. 1992.

TOLEDO, V. M. **Indigenous Knowledge on Soils: An Ethno ecological Conceptualization.** In: BARRERA-BASSOS, N.; ZINCK, J. A. Ethno ecology in a worldwide perspective: an Biodiversity, v. 3. Academic Press, p. 451-463, 2001.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. A. **Etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais.** In SILVA, V. A.; Almeida, A. L. S.; Albuquerque, U. P. (org.) Etnobiologia e Etnoecologia: Pessoas e Natureza na América Latina. Recife: NUPEEA, 2010. p.4-12

ZANIN, N. Z. **Abrigo na natureza: construção Guarani Mbyá, sustentabilidade e intervenções externas.** UFRGS, Porto Alegre, 2006. p.123-158

ANEXOS

ANEXO 1 – Entrevista com elementos-chave da Aldeia Indígena Ribeirão Silveira

A) Caracterização socioeconômica

Data: ____/____/____

Nº entrevista: ____

1. Entrevistado: _____ 1.2. Sexo: F () M ()

1.3. Idade: _____ anos.

1.4. Ocupação/profissão: _____

1.6. Há quanto tempo mora na região: _____

1.7. Local de Nascimento: _____

2. Quantas pessoas moram nesta casa:

Parentesco	Idade	Escolaridade

3. Qual a atividade que gera a principal renda atualmente na família?

- () agricultura () pecuária () comércio () artesanato
 () pesca () extração de recursos naturais
 () outro: _____

4. Qual a atividade que gera a principal fonte de alimento para a família?

- () agricultura () pecuária () comércio () artesanato
 () pesca () extração de recursos naturais
 () outro: _____

B) Histórico e Uso de Recursos Naturais:

1. Houve alguma mudança no tamanho da população da aldeia? () não () sim

2. Ocorreu a partir de quando?

3. Você reconhece tipos diferentes de plantas no entorno? () não () sim

3.1. Como (o que diferencia)?

3.2. Quais (os tipos)? Onde estão?

4. Antigamente vocês usavam (ou recorda se familiares usavam) a floresta (coleta plantas, animais) para complementar renda ou sustento da família?

() não usavam () poucas vezes () muitas vezes

4.1. O que era usado?

4.2. Onde era feita esta coleta?

4.3. Como era esse trabalho de coleta?

() coletivo

() individual

4.4. Existia alguma regra na comunidade para este uso? () não () sim

4.5. Qual?

4.6. Existe alguma proibição de uso de recursos da floresta? () não () sim

4.7. Quando/Por quê?

5. Você acha que a floresta do entorno deve ser protegida? () não () sim

5.1. Por quê?

6. Qual mudança você percebe no modo de vida Guarani e nas atividades do cotidiano?

Mudança : _____ desde quando: _____

Mudança : _____ desde quando: _____

Mudança : _____ desde quando: _____

Mudança : _____ desde quando: _____

Mudança : _____ desde quando: _____

Mudança : _____ desde quando: _____

Mudança : _____ desde quando: _____

7. Cite outro morador que possa auxiliar respondendo a essas perguntas:

ENTREVISTA COM ELEMENTOS-CHAVE DA ALDEIA INDÍGENA RIBEIRÃO SILVEIRA
Listagem livre de recursos naturais

Data: ___/___/___

Nº entrevista: _____

Entrevistado: _____

[illegible]

ANEXO 2 – Autorização de ingresso em Terra Indígena emitido pela FUNAI

21/08/2017

:: SEI / FUNAI - 0218899 - Ofício ::



0218899

08620.005246/2017-39



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
SBS Quadra 02 Lote 14 Edifício Cleto Meireles, - Bairro Asa Sul
CEP 70070-120 Brasília - DF
61 3247 6546 - <http://www.funai.gov.br>

Ofício nº 134/2017/AAEP-FUNAI

À Sua Senhoria a Senhora,
JAQUELINE CABRAL ALVES
Rua: Rubens Rodrigues, nº 116
Santa Rosa - Guarujá
Cep: 11431-440 - São Paulo - Litoral

Assunto: **Ingresso em Terra Indígena, Processo nº 08620.005246/2017-39.**

Senhora Jaqueline Alves,

1. Refiro-me à solicitação de autorização para ingresso na Terra Indígena Ribeirão Silveira, povo Guarani M'Bya, para a realização da pesquisa intitulada "Ñande Reko: um diálogo entre o conhecimento ecológico local e a extração de recursos naturais pelos índios Guarani M'Byá, na Reserva Indígena Ribeirão Silveira em Bertioga/SP" e "A relação entre cultura e dieta dos índios Guarani da Aldeia Rio Silveira em Bertioga/SP".
2. O ingresso em terra indígena está regulamentado pela Portaria nº 177/PRES/2006, que trata do direito autoral/uso de imagens dos indígenas, e pela Instrução Normativa nº 001/PRES/1995, que regulamenta a pesquisa científica. Tais normativas podem ser acessadas pelo site da Funai, www.funai.gov.br/index.php/servicos/ingresso-em-terra-indigena, no qual também é possível obter orientações para o pedido de autorização de ingresso em terra indígena.
3. As autorizações para ingresso em terra indígena são de competência exclusiva da Presidência da Funai, após a instrução de processo administrativo, observando-se a anuência prévia dos representantes dos povos indígenas envolvidos, conforme disposto na Convenção 169 da OIT, nos artigos 6º e 7º.
4. Pesquisas envolvendo seres humanos deverão ser submetidas ao Sistema Comitê de Ética em Pesquisa/ Comissão Nacional de Ética na Pesquisa – CEP/CONEP, conforme Resolução Nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde – CNS, do Ministério da Saúde, para emissão de parecer de ética na pesquisa.
5. Ademais, verificou-se a ausência dos seguintes documentos, necessários ao prosseguimento do processo de autorização de ingresso em terra indígena:

- Parecer de análise de mérito por parte do CNPq, da Coordenação do Programa de Pesquisa em Gestão de Ecossistemas –COGEC - Ciências da terra e Meio Ambiente, Coordenador: Everton Santos, cogee@cnpq.br. Tel: 21089385; 219391; 32119725;

21/08/2017

:: SEI / FUNAI - 0218899 - Ofício ::

- Parecer de ética do Sistema CEP/CONEP;
- Termo de Compromisso para uso de imagem, de som e de som de voz de indígenas na realização da pesquisa (conforme modelo anexo, preencher, assinar e encaminhá-lo em original).

6. Eventuais esclarecimentos poderão ser feitos pelo telefone (61) 3247-6026 e e-mail aaep@funai.gov.br.

Atenciosamente,



Documento assinado eletronicamente por **CRISTINE APARECIDA MUNIZ MENEZES, Chefe de Gabinete da Presidência**, em 30/05/2017, às 20:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site: http://sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0218899** e o código CRC **953E3C58**.

Referência: Caso responda este Ofício, indicar expressamente o Processo nº 08620.005246/2017-39

SEI nº 0218899

ANEXO 3 – Parecer CONEP para aprovação do projeto de pesquisa

COMISSÃO NACIONAL DE
ÉTICA EM PESQUISA

PARECER CONSUBSTANCIADO DA CONEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Uso de Recursos Naturais e Etnoecologia de Populações Indígenas

Pesquisador: Milena Ramires

Área Temática: Estudos com populações indígenas;

Versão: 4

CAAE: 74108317.4.0000.5513

Instituição Proponente: Universidade Santa Cecília - UNISANTA/SP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.517.772

Apresentação do Projeto:

As informações contidas nos campos Apresentação do Projeto, Objetivo da Pesquisa e Avaliação dos Riscos e Benefícios foram retiradas do arquivo "PB_INFORMAÇÕES BÁSICAS DO PROJETO_866602.pdf" gerado a partir das informações inseridas pelo Pesquisador Responsável do estudo na Plataforma Brasil em 22/01/2018.

INTRODUÇÃO

Compreender que as populações humanas estão intrinsecamente relacionadas ao ecossistema é de incomensurável importância no que tange à conservação. Logo, essa concepção revela informações importantes sobre o uso de recursos naturais por populações humanas e a manutenção da biodiversidade (BEGOSS, 2004). As populações costeiras, além de conviverem com a biodiversidade, atribuem nomes e classificações próprias das espécies. Dessa forma, a cultura permite às populações tradicionais, compreender a biodiversidade, representar, extrair e maneja-la frequentemente (DIEGUES & ARRUDA, 2001). O uso e manejo de recursos naturais são realizadas pela humanidade em distintas sociedades no planeta. Ecossistemas foram transformados, plantas e animais foram realocados por interferência humana e recursos diversos foram e continuam sendo extraídos e consumidos para subsistência. Distintos grupos humanos, assim como os indígenas, dispõem um vasto etnoconhecimento ecológico, preservando assim, a diversidade biológica, bem como, seu patrimônio cultural (TOLEDO & BARRERA-BASSOLS, 2010; ANDERSON,

Endereço: SEPN 510 NORTE, BLOCO A 3º ANDAR, Edifício Ex-INAN - Unidade II - Ministério da Saúde
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.750-521
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3315-5878 **E-mail:** conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 2.517.772

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_866602.pdf	22/01/2018 21:44:42		Aceito
Outros	Respostas_parecer_CONEP2.pdf	22/01/2018 21:41:24	Milena Ramires	Aceito
Outros	FUNAI_Autorizacao_de_ingresso_em_TL.pdf	05/12/2017 16:49:28	Milena Ramires	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_proj_Indigenas_reformulado_2.doc	05/12/2017 16:44:34	Milena Ramires	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Respostas_parecer_CONEP2356232.pdf	23/11/2017 16:10:53	Milena Ramires	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_de_nao_acesso_ao_Patrimonio_genetico_nao_patente.pdf	23/11/2017 16:09:00	Milena Ramires	Aceito
Outros	carta_apresent_Solange.pdf	21/08/2017 18:19:37	Milena Ramires	Aceito
Outros	carta_apresent_Jaqueline.pdf	21/08/2017 18:18:40	Milena Ramires	Aceito
Outros	Declaracao_de_nao_acesso_ao_Patrimonio_genetico.pdf	21/08/2017 18:18:15	Milena Ramires	Aceito
Outros	_SEI_FUNAI0218899.pdf	21/08/2017 18:17:04	Milena Ramires	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Uso_de_recursos_e_etnoecologia_de_indigenas_2.pdf	21/08/2017 18:16:14	Milena Ramires	Aceito
Folha de Rosto	digitalizar0001.pdf	28/06/2017 08:51:42	Milena Ramires	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

BRASILIA, 01 de Março de 2018

Assinado por:
Jorge Alves de Almeida Venancio
(Coordenador)

Endereço: SEPN 510 NORTE, BLOCO A 3ª ANDAR, Edifício Ex-INAN - Unidade II - Ministério da Saúde
 Bairro: Asa Norte CEP: 70.750-521
 UF: DF Município: BRASILIA
 Telefone: (61)3315-5878 E-mail: conep@saude.gov.br